

Oferta
-O. NOV. 1944



NÊSTE NÚMERO



Quantas viúvas, quantos órfãos,
quantas cosas destruídas nos vai
trazer a guerra actual?

(Leia um compute ilustrado
na página 7)



A política da Yugooslávia continua
envolta nas mais densas e cruéis
interrogações.

(Ver um longo estudo na pág. 8)



Laura Alves é hoje uma vedeta po-
pular. Mas que pensam os críticos
a seu respeito?

(Ver pág. 11)

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 194
1 DE FEVEREIRO DE 1945
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ELA ZOMBA DO INVERNO! E TODOS NÓS, POIS ENTÃO, AQUECIDOS
PELA GRAÇA DA SUA MOCIDADE E ALEGRIA!

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Roteiro singelo da Madragoa

FUI num destes dias dar um passeio pela Madragoa, matar saudades do tempo em que lá vivi — lembranças que a Primavera desperta com os seus esplendorosos dias de sol.

Sai do eléctrico no Conde Barão. Logo à entrada da Rua da Esperança vieram ter comigo as primeiras recordações. No chafariz estavam duas bicas a deitar água e a cantar. Tantas vezes me mataram a sede que já tinham saudades minhas; tantos versos lhes fiz que as varinas encheram o coração das minhas cantigas, como quem mata securas de Amor.

Mais para cima, passado o balneário, não resisti à tentação de olhar para a «sala de espera» do «Endireitas»; ou, antes, para o lugar de venda de galinhas, que serve de ante-câmara aos que têm maletas nos ossos e pretendem consultar o santo homem que tem a virtude — dizem — de conhecer todos os escauinhas do nosso esqueleto. A senhora Emília não estava ao balcão. Dava-me gosto vê-la, mas uma saúde que fica é como a rosa que não murchoa.

Sigo adiante. Vou voltar para a Castelo Picão, Avenida da Liberdade da Madragoa — de liberdade total, onde nem polícia há, onde as varinas podem ralar, cantar e andar descalças à sua vontade, sem ninguém lhes pregar multas.

— Olha o «Malacais! Lá está êle, o Cine-Esperança, de saudável memória. Lá está o sapateiro, onde foram as bilheteiras, lá estão as escadinhas que eu algumas vezes subi, para assistir à exhibição das cegadas que percorriam Lisboa e vinham, depois, ali bater o pé umas às outras, pedirem meças em concurso, para se ver qual era a melhor.

O Convento das Bernardas é um borrão de tinta preta que a minha raspadeira «Solingen» não consegue apagar das entrelinhas luminosas do bairro.

Subo a calçada. A meio perguntei ao senhor Tomás pela mãe do mudo. Que já morrera, disse-me êle... Pobre Ti'Caçula!... Flor bela de Pardilhó que os azares da vida consumiram na Avenida 24 de Julho, no bailado diário dos fretes e da descarga.

Continuo a subir. Lá em cima é a Bela Vista. O Tejo, agora, mostra-se como anda pintado nas revistas de turismo. Um lago azul. Floresta de mastros. Barcos de pesca, acostados na ribeira — maré alta de sacrifícios que só as ondas do mar conhecem bem.

Tornejo a travessa. Nas caves da senhora dos gatos há, como sempre, muitos hóspedes. Rinhau-nhau, rinhau-nhau. Bela alma, não há dúvida. Sustentar, por devoção, todos os bichanos vadios da Madragoa, é ganhar o céu com toda a certeza.

Olho para trás. Da rua do Meio surgem duas varinas que saíram inteiriças do lápis maravilhoso de Stuart.

Mais para baixo ficam as Trinas.

— Ai o meu cartão de identidade que precisa ser renovado!...

Tenho de cá voltar um destes dias.

SILVA EASTOS

Lisboa e a chinela

MANHÃZINHA, mal o sol espreitava, a Madragoa, bairro típico das varinas, acordava ao som da chinela. E era um enlévo vê-las passar, aos ranchos, pernas nuas e retexas das andanças, mais a canastra — um mimoso barquinho de vérga onde o peixe ia saltar. Vinha a Amélia, a Zefa, a Rosária, raparigaças desempenadas e fortes, meneando os quadris nas cintas baratas das saias rodadas; penduravam às orelhas grossos brinços de ouro, punham o cordão de duas voltas ao pescoço e, por cima do peito, junto do coração, o retrato do «seu homem», um marujo aventurado às terras do Oriente.

As falaças eram ágeis como o andar: pão, pão, queijo, queijo; e tirava-se despique na rueira por dá cá aquela palha.

O «frigoríficos», na muralha, ali a Santos, fazia a lota — espécie de bolsa de fundos do variname endinheirado.

— Ai, credo, as «tecas» estão enguiçadas! O mestre Zé do buque quer uma fortuna!

— Raios partam a nossa sorte! Cachuços ao preço de pescada!

Mas daí a pouco tudo se arranjava. O peixe descia. E então as varinas, canastras atestadas, corriam, ligeiras, a apregoar por Lisboa de lés-a-lés. Hoje tudo mudou. Não há peixe — nem há varinas. O mercado da rua quasi acabou. Só raramente ainda se topa, por rueias humildes ou becos estreitos onde se dorme em pilha, uma espécie de varina, suja e desgrenhada, que apregoa os refugos do mercado a tanto o quarteirão. O autêntico variname dos cordões, das chinelas, das blusas — de Ovar, Aveiro, da Caparica, as varinas, enfim, que abriram os olhos em Alfama e viram logo o mar — desapareceu. O que ainda existe aristocratizou-se, desprezou a chinela, botou figura — e vamos com Deus! — a sociedade elegeu-as rainhas. Haja em vista D. Josefa II, rainha da Praça de Campo de Ourique — e essa radiosa mocidade de D. Belmira I — «a dos brinços» — tornada, unânime, majestade da Praça da Figueira.

Houve um tempo, em Lisboa, que tudo servia para inventar realzaes. Fêz-se o reinado das costureiras, das floristas, das varinas, com cortejos pomposos, damas caudatárias vestidas

de tobralco, diademas nas fronteiras e festas de entradas pagas para, ridículamente ver os espectáculos de grandiosas ascensões — da banca do peixe e da máquina de costura aos tronos hipotéticos duma reinação pândega...

Depois, mais tarde, Madragoa e Alfama, Santa Isabel e Fonte Santa viram os seus domínios invadidos por essa praga das «permanentes» — que é uma das coisas mais bem inventadas para o dinheiro não permanecer no bolso. Não houve cão nem gato que não expusesse, ao alcance da implacável tesoura do cabeleireiros, as mais lindas traças — que, aqui para nós, valem hoje um dinheirão! Os cabelos vieram abaixo, cortou-se, tosquiu-se, ondulou-se; fizeram-se autênticas carapinhas e caracóis inverosímeis; morreram algumas pessoas asfixiadas com funis na cabeça e outras estiveram de cama com graves quemaduras, mas, felizmente, a moda pegou, o progresso vingou — e nada se faz no mundo sem sacrifícios e martírios!

Com esta inovação chegou outra, oriunda duma colónia selvagem da Índia: as pinturas. O óleo de palma com que as indígenas se bezuntavam, em dias grandes de batuque, desembarcou uma tarde na Alfândega de Lisboa, transformado em «bátom». E aquilo foi um desespero. As clínicas dos médicos de pele não tinham mãos a medir; envenenamentos e intoxicações — e verdadeiras razias nos orçamentos caseiros. A moda generalizou-se. Contagiou toda a gente. E a varina também. Desprezou a chinela, que lhe dava graça, ligeireza, encanto — um bater suave de quem vai a passar no convés dum navio. Perdeu o challe, largo, de ponta caída, ramagens de cetim; empenhou o cordão e comprou um colar falso de pérolas brancas — ela que tinha as conchas para se adornar! — escondeu a blusa, a bluzita de xadrez que lhe aconchegava o peito, que arfava ao apregoar o peixe; pintou a cara — aquêle todo galato e atrevido onde, às vezes, havia uma escama de prata; ondulou o cabelo — cabelos fabulosamente impregnados de maresia que os nordestes empurram, mar fora, nas manhãs de inverno; esqueceu as fragas; e — diz V. Ex.ª — usa loção, tem verniz nas unhas e sapato de tação alto.

A chinela da varina é hoje apenas

NOTAS RÁPIDAS DA SEMANA



António Ferro inaugurou mais um Salão de Arte Moderna, no estúdio de S. Pedro de Alcântara. Pelo seu conteúdo, em qualidade e quantidade, pode dizer-se que é dos mais representativos. Noutra página, referimo-nos ao acontecimento, que traz sempre tantas repercussões ao nosso meio artístico e das letras.



Foi uma linda festa a recepção que o ministro da Polónia em Lisboa, sr. Gustav Potworowski, ofereceu há dias aos jornalistas portugueses, para lhes fazer sentir o apreço e a simpatia com que é compreendida a actividade amiga da Imprensa. No seu breve discurso, o sr. ministro da Polónia — que vemos na foto — fez uma síntese das relações luso-polacas, no campo cultural e afectivo e salientou os objectivos em causa, na luta que o seu país trava.



O decano dos "pequinês"...

ÉSTE simpático bicharoco que temos o prazer de apresentar aos leitores, chama-se «Black» e possui, entre outras, uma grande qualidade: já fez vinte anos — pelo que pode considerar-se o «decano» dos pequinês...

Não sabemos se algum dos nossos leitores ignora uma particularidade curiosa: os pequinês, em geral, não vão além de seis ou sete anos. Pois este Black, que pertence a sr.ª D. Maria Elena Gonçalves, e é muito conhecido em todas as exposições internacionais realizadas em Portugal, onde tem sido sempre premiado, pode ostentar ainda esta outra maravilhosa vantagem sobre todos os seus irmãos de raça: ser o mais velho e, portanto, o mais sábio...

a graça dum evocação: cada passo, batido e sonoro, parecia uma onda do Tejo a brincar nas ruas de Lisboa!

E que chinelas tão lindas! De verniz, pespontadas, salto alto, no calcanhar vermelho — pequenas proas de barcos que se não cansam de andar!

Mas onde está a chinela?

Desapareceu. Não há por aí quem a queira usar. As pelicas, as camurças, os sapatões disformes, as tiras de solas de cortiça para tudo ser-

vem — para venderem peixe no mercado e irem ao cinema.

E, por este caminhar, ninguém se admire de amanhã as sardinhas serem vendidas, na praça, por várias de unhas envernizadas, chapéu, casaco pelos ombros, um sinal maroto feito a lápis no queixo, com o letreiro na banca: «on parle français».

E o peixe, senhores, será tirado por pinças — e perfumado com loção de alfazema!

MANUEL MARTINHO

UMA REPORTAGEM POR SEMANA

Os fantoches vão falar!



A miudagem, de boca aberta, faz roda. Há também gente grãvida, que o espectáculo é para todos. Num instante o homenzinho arma a barraca — uns apodrecidos tabiques, revestidos de lona, aqui e além remendados de papel de jornal. Junto dele uma mulherzita, ossuda, a cara escurecida de traços de infortúnio, embrulhada num casaco desbotado, olha triste toda aquela freguesia. Um macaco, irrequieto, pequenino e travesso, seguro por uma corrente, empina-se, aceita amendoiños e descasca-os ligeiro. O homenzinho mete-se dentro da barraca. E, daí a pouco, aparecem ao simpático público dois fantoches, dois esfarrapados bonecos — um saloio e uma sopeira — que, esgançados, cumprimentam a assistência. Vê-se, pela

transparência do papel, o homenzinho mexer-se lá dentro. Está de cócoras e agita a bonecada — ao mesmo tempo que aleva a voz de ventríloquo desanimado. A rapaziada ri-se. Há uma zaragata entre os bonecos. Desafiam-se, insultam-se. A roda, à volta da barraca, é agora maior. Nota-se que o homenzinho está cansado. O público também. Já não acha graça — e a miudagem, essa, não tem dinheiro para dar. Então a mulherzita, cada vez mais triste, estende a bandeja. Caem-lhe umas moedas — umas moedas pobres que produzem um som estranho no metal da bandeja. Agora são dois fadistas, de lenços vermelhos ao peçoço que cantam o fado. E o público começa a abalar. Gente que passa, apressada, espreita, delta a cabeça no ajuntamento, mas abala, sem ligar. Dois rapazes alegres, a rir, gritam: «Aldrabão!»

Aldrabão? Em quê? É a vida. A dureza da vida que obriga estes homens ao vexame de divertirem os outros, quando lá por dentro há um mar de tormenta. O homenzinho sai da barraca — depois de obrigar os seus fantoches a tirar os chapéus e agradecer a generosidade daquele amável público. Desmacha-se a barraca. A mulherzita, sempre triste, ajuda também.

Só o macaco, companheiro daquela comitiva, continua, indiferente, a mastigar os amendoiños.

Do biombo e dos fantoches faz uma grande trouxa. O espectáculo terminou. Agora é caminhar. Para onde? Para todo o lado.

Lisboa é uma cidade grande. Unicamente nos bairros que poderia trabalhar melhor, daí, nem um centavo. Quem se atreveria a ir pôr uma barraca nas Avenidas Novas, no Bairro Azul ou na Lapa? São bairros que mal conhecem a rua, que não dão por isto. Alcântara, Alfama, o Bairro Alto — pobres e populosos, vivem na rua. Junta-se gente, há animação. Mas o negócio da rua está, também, explorado. A cada esquina há uma gutarra a gemer e uma mão que se estende para a esmola. Há os almanagues que se vendem — e os que cantam mesmo sem gutarra...

De modo que já ninguém se chega para estes espectáculos.

Os fantoches! Que enlêvo para as crianças — e que mundo de recordações para os velhos que os viram em Alcântara, em Algés e na Feira de Belém. Teatrinhos minúsculos onde a bonecada vivia as suas tragédias e dizia as suas sátiras. Era a sociedade que ali passava em miniatura.

E o sucesso desses fantoches foi retumbante. Não eram só as crianças que o desejavam, pelas longas aventuras que o teatro de fantoches oferecia, não. O homem também se divertia — ele que ainda mal conhecia o cinema, e que chorava com as tragédias do Apolo, tão populares, e com o sentimento do «Príncipe Real». Tudo passou. Tudo evoluiu. E hoje esses homens, que correm Lisboa levando sobre os ombros esses esfarrapados biombos por onde os Robertos assomam, caprichosos e mal vestidos, esses desleigantes monos de trapos, são os derradeiros feirantes dum passado, que só pela saúde existe.

— Meus senhores, é entrar! Um vintém, meus senhores!

Pobres fantoches! Que andarão ainda eles por cá a fazer?

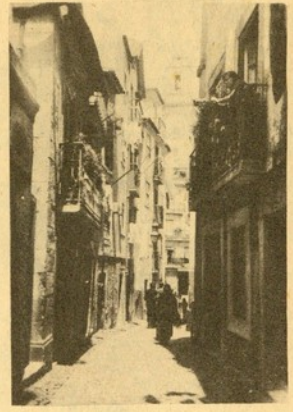
A falar dum passado como fantasmas que a mão do homem foi buscar ao túmulo do esquecimento, para ganhar, com a saúde, o duro pão de cada dia.

Lisboa é assim...

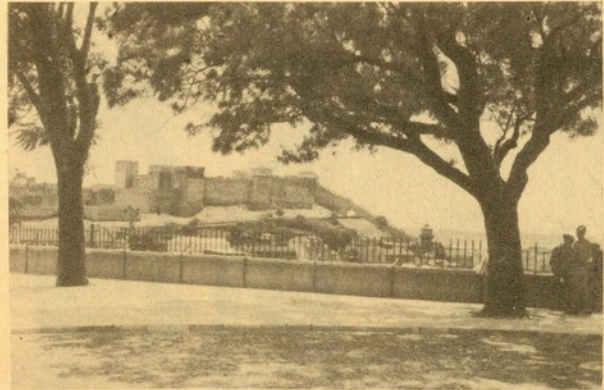
(Fotos João Martins)



Com uma vista linda sobre o Tejo...



Nas suas ruas pitorescas de Alfama...



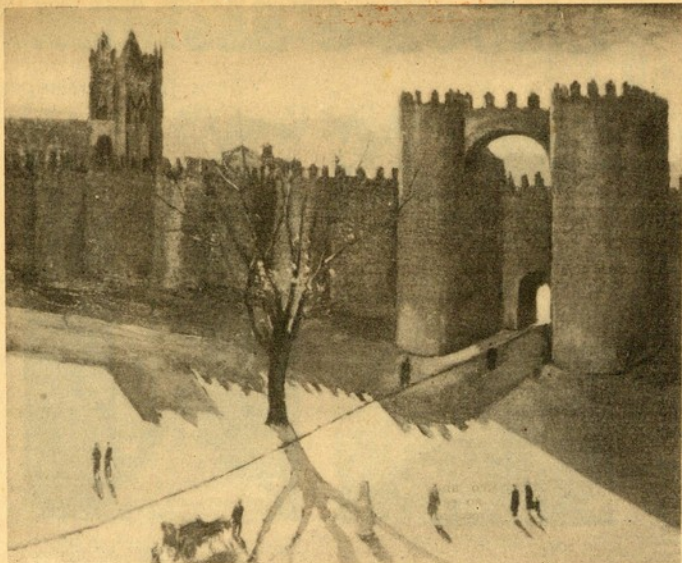
Quando o Castelo Mourisco de S. Jorge nos namora...



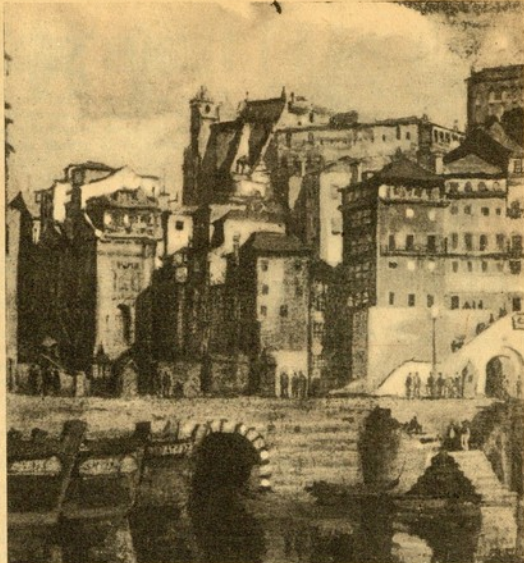
Nas pineladas suaves do casario a lembrar agua-celvas delicadas...



Quê vista, enfim, para o Rossio, Lisboa é sempre assim — como era só!



«Ávila», quadro adquirido pelo embaixador do Japão em Madrid, na exposição de Luciano



«Pôrto» — outro quadro adquirido pelo embaixador de Portugal em Madrid, na mesma exposição



«Uma rua de Candelários», quadro de Luciano adquirido pelo Museu de Arte Moderna de Madrid

O PINTOR PORTUGUÊS LUCIANO EM MADRID

LUCIANO, como simplesmente assina as suas obras, é um dos mais esparçosos artistas plásticos portugueses. Muito cedo começou a marcar a sua personalidade, quando ainda aluno da Escola de Belas Artes de Lisboa, não se sujeitando nunca àquelles tão rígidos processos académicos, e àquela terrível decadência de sentido pedagógico, mas sim libertando-se desse terrível meio, mostrando sempre a sua inquietação e o seu original sentido emocional.

Hoje Luciano traçou um caminho, pinta porque sente dentro de si aquela chama dos predestinados, seguindo para a frente em passos gigantes, conquistando dia a dia novos horizontes para satisfação dos seus desejos emocionais. E nesta galopada de inquietudes, Luciano um dia partiu para Espanha, atraído pela gama justa e imortal dos seus pintores, e dos seus motivos pictóricos. Pode dizer-se que chegou, viu e venceu! No fim de quatro meses de permanência visita museus, estuda, pinta, analisa e absorve toda aquela atmosfera da beleza das paisagens de Salamanca, Ávila, Segóvia, Granada, Cuenca e Madrid.

Necessitava de descansar deste seu intenso labor, pintando sem interrupção ao frio e à neve, mas nem as intempéries do tempo o afastaram das suas realizações e da sua forte vontade de vencer. Assim foi! Apresentou os seus quadros no Salão Vilches, em Madrid, abriu a exposição às 18 horas e, às 18.5, Luciano teve o prazer de ver coroado o seu esforço com a venda de quatro quadros, um dos quais adquirido pelo Museu Nacional de Arte Moderna. Todo o grande público que enchia por completo o salão teve para com Luciano os maiores louvores, não regateando os firmes elogios ao seu talento e à sua grande sensibilidade de artista. Assim, temos mais um artista português que triunfou em Espanha.

Luciano é essencialmente um emotivo, essa a sua grande virtude, o segredo daquelas magníficas interpretações das suas paisagens. Receber emoções, senti-las, interpretá-las é criar uma obra de arte. Luciano não é aquele pintor vulgar que, em frente da realidade, tem a pretensão de a copiar tal como a encontra na natureza; ao contrário, ele transforma a realidade, para assim nos aproximarmos mais das verdades dos motivos eleitos. Esta, a meu ver, a missão do artista. É que o verdadeiro artista, como o é Luciano, não vê o mundo com aqueles olhos práticos da vulgaridade das massas, mas sim afastando-se da realidade imitada, tendo na sua visão o fenómeno interpretativo do jogo das cores, dos volumes, das linhas, dos vários matizes e das transições de luz. O que na obra de Luciano se impõe ao espectador não é a realidade objectiva, mas sim a realidade transfigurada; essa a verdade do artista. Assim, Luciano nas suas magníficas paisagens dá-nos a transfiguração do objectivo, mas a realidade do ambiente, que ele absorve, sente e dá à obra a expressão emocional do seu sentido interpretativo. Nos quadros que o artista pintou em Granada, conseguiu vencer todas as dificuldades da repetição dos intensos verdes dos seus jardins, não caindo no monótono, mas sim dando poesia e verdade àquelles poéticos e luxuriantes jardins da encantadora cidade de Andaluzia. Luciano não precisa da participação do espectador, porque em frente das suas paisagens estamos dentro da realidade ambiente, e não da realidade dos objectos, que é diferente. Esta, a meu ver, a missão do artista. Assim no seu quadro «Ávila», que é uma maravilhosa interpretação; creio que todos aqueles que tiveram o prazer de passar pela histórica cidade castelhana vêem nesse quadro toda a verdade e toda a poesia e ambiente histórico que possui. A serenidade, a melancolia do ambiente, a expressão das figuras que passam isoladas ao largo, aquela maravilhosa figurinha do ceuro meditando, junto do arco da energética muralha, a druseira nua e fria, com a revolta dos seus troncos projectados em sombra na estrada; o característico carro castelhano, companheiro inseparável dos que labutam para a conquista do pão, as suas muralhas, os horizontes feios, tudo ali está exacto, verdadeiro, numa genial interpretação da cidade mística de Santa Teresa, que Miguel Namunho tão bem descreveu, e que Luciano tão bem pintou!...

Igualmente nos quadros de Candelário (Salamanca), um dos quais aqui

(Continua na pág. 1)

ALVARO BARROSO E RODRIGUES ALVES NO SALÃO DE INVERNO

RECENTEMENTE, no Salão de Inverno da S. N. B. A. apareceu um artista modesto no seu contacto com o mundo exterior mas rico de arte criadora: é Alvaro Barroso, do Circolo Mário Augusto e aluno do falecido artista Paula Campos. A sua contribuição no Salão — em um delicado, de belas linhas clássicas — mereceu, depois, o carinho de um júri encarregado de escolher entre os antigos alunos do mestre falecido, os que melhores provas dessem do seu valor. Estes prémios, constituídos por quadros de Paula Campos, e instituídos pela viúva do ilustre artista, foram concedidos a Rodrigues Alves — um artista de mérito a quem coube, também, uma 2.ª medalha das Belas Artes — José Félix, Bértolo Bento, Moura e Alvaro Barroso.



Alvaro Barroso



Rodrigues Alves

Diz-se



Que o acadêmico Joaquim Leitão, que há pouco regressou do Brasil, no «Clipper», vai escrever um volume intitulado «Por ares nunca dantes navegados».



Que Lopes de Oliveira resolveu fazer aos seus bigodes — a ondulação permanente.



Que João de Barros traz um novo monóculo debaixo de olho.



Que Gustavo de Matos Sequeira adquiriu num «bric-à-brac» um novo chapéu velho.



Que Luis Forjaz Trigueiros vai ser escolhido para o Conselho de Lectura das obras destinadas aos teatros do Parque Mayer.



Que o «Remédio das Caidas», de Armando Ferreira, está sendo tomado em folhas por todos os hepáticos e hipochondriacos deste alegre país.



Que vai entrar em ensaios no D. Maria um original português intitulado «O Bom Pastor».



Que Correia da Costa inventou uma nova «piada».



Que António Boto, depois da edição definitiva da sua obra, prepara uma grande edição provisória da mesma obra.



Que Ferreira de Castro vai dar, de novo, «A Volta ao Mundo» — mas agora ao contrário.



Que Eduardo Dias, escritor e homem de finança, depois do seu volume «Os Argonautas», publicará «Os Argonautas», um estudo acerca de certos navegadores de negócios.



Que Amadeu do Vale desembarcará brevemente no Brasil com alguns milhares de peças.



Alberto Mac-Bride

Algumas opiniões autorizadas

É um prazer estar doente — só para o consultar

Uma cliente

Ao pé d'ele — sinto-me de perfeita saúde.

Um doente

Mesmo quando ralha — dá gosto ouvi-lo.

Uma enfermeira

Mesmo que bata — já-lo de bata branca.

Um enfermeiro

Os pontos do dr. Alberto Mac-Bride não são pontos naturais: são sobrenaturais.

Um operado

Canto para ele.

Um mosquito

É tão doce que quando o mordo — considero um dia de festa.

Uma música

A instrução primária

ENTRE os últimos volumes que recebi figura um opúsculo de sessenta páginas, escrito por um culto professor do Magistério Primário — o sr. Aires Serra — e no qual se faz a história breve, mas clara, da Instrução Primária em Portugal. O pequeno opúsculo, que se não apresenta com quaisquer pretensões académicas, lê-se dum fôlego e dá aos leitores, menos familiarizados com estes assuntos, uma idéia do que tem sido, entre nós, desde a fundação da Nacionalidade, o ensino das primeiras letras.

Quando D. Afonso Henriques tomou conta do minúsculo condado, que foi o berço de Portugal, a população vivia em pleno estado de ignorância. Quasi ninguém sabia ler — a começar, segundo as probabilidades, pelo próprio rei. A excepção do mosteiro de Lorvão, em mais parte alguma se ensinava. A escola nacional era o campo de batalha. Com D. Diniz surgiu a Universidade, mas do ensino primário ninguém se lembrara ainda. Só em 1456, no reinado de D. Afonso V se fundou a primeira escola elemental em Évora, e cujo mestre, que tinha o grau de bacharel, ensinava gramática aos filhos dos nobres e a quaisquer outros que quisessem dar-se ao luxo — porque era então um verdadeiro luxo — de aprender a ler e a escrever. Mais tarde, com a criação das Misericórdias estabeleceram-se os Colégios dos Orfãos que levavam por intento o ensino popular. Mas, verdadeiramente, só com a reforma pomalina de 1772 é que a instrução primária se organizou em Portugal. Instituiu-se, em princípio, uma escola em cada centro local; dotou-se o ensino; definiu-se o sistema educativo; e até para enobrecer os mestres-primários se lhes atribuiu — *à tout seigneur tout honneur* — o título de «mestres-regios». Depois, sucederam-se as reformas. Pode afirmar-se que, desde o célebre ministro de D. José, não houve governo, absoluto ou liberal, que não trouxesse, na sua pasta, uma reforma do ensino primário destinada a reduzir o analfabetismo. Seria injusto negar os progressos feitos nesse sentido, mas muito há ainda a fazer. O censo da população de 1 de Dezembro de 1930 (publicado em 1936) dá-nos ainda a sombria percentagem de 60 % de analfabetos. E, entretanto, a instrução primária constitue uma das grandes bases em que tem de assentar a civilização dum país. Vou mesmo mais longe: o ensino primário é um expoente. Creio até que os educandos deviam começar pela frequência das Universidades; faziam depois o curso dos liceus — e acabariam pela instrução primária. Evitar-se-ia assim o caso de muitos diplomados — que não sabem ler, nem escrever...



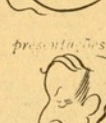
Que Pedro de Andrade, gerente da Livraria Portuguesa, adquiriu os Armazéns Grandedela para ali instalar uma pequena sucursal daquela livraria.



Que Erico Braga será nomeado adido artístico junto duma das nossas legações.



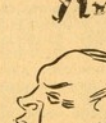
Que Robles Monteiro garantiu que, mesmo correndo o risco de ficar sem camisa, o «Leque de Lady Windermeres» daria, pelo menos, tantas re-presentações como a «Miss Bas».



Que Tomás d'Eça Leal trabalha em um novo livro de versos cujo título será «Acepipes».



Que a próxima obra teatral de Carlos Selvagem se intitula «O meu primeiro neto».



Que o romance «Valfrâmio», de Aquilino Ribeiro, está sendo traduzido para francês com o título de «Volfemmes».



Que, na última lotaria do Natal, saiu a Hernâni Cidade o prémio André de Caminha.



Que tendo sido Joaquim Paço de Arcos nomeado, por parte do Estado, administrador da Transambesha Railway Company, o seu último livro «O caminho da culpa» passará, na 2.ª edição, a chamar-se «O Caminho... de Ferros».



Que o filme de Leitão de Barros, «Inês de Barros», será exibido, em Portugal, com o título de «Inês de Barros».



Que regressa brevemente a Lisboa Beatriz Costa contratada por António Lopes Ribeiro para fazer a protagonista do «Pigmalião», de Berard... Chute!



Que vão ser representadas em Espanha 725 operetas portuguesas, fora as 16 já anunciadas.



Que a actual conflagração terminará quando terminar a guerra actual.

10 Milhões de mortos!

A atrapalhação de um general

Dex milhões de mortos, 5 milhões de mutilados, 15 milhões de feridos, 10 milhões de prisioneiros! Estes números apavorantes referem-se, simplesmente, à outra guerra, a de 1914, a que os cronistas e historiadores chamam «pequena guerra» em relação a esta, grande, enorme, brutal.

Pois na «pequena guerra», entre os 95 milhões de homens mobilizados, 10 milhões ficaram no campo de batalha e 5 milhões lá deixaram um braço, uma perna, um olho, alguma coisa do seu corpo que a guerra mutilou.

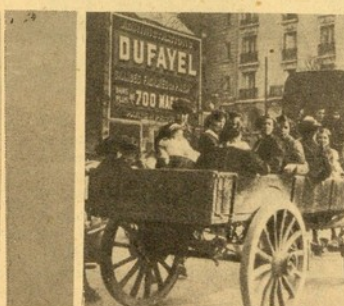
Ainda é cedo para se ajuizar o número de homens que esta, a «grande», ceifou. Dex milhões será, certamente, uma cifra pequena, como pequena será a de mutilados e a de feridos em relação à actual, guerra cega de bombardeamentos em massa.

Na de 1914-18, além destes números apavorantes, devem acrescentar-se ainda:

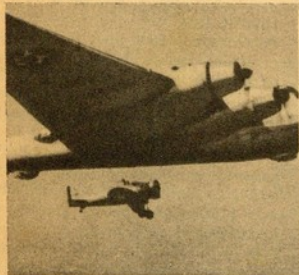
5 MILHÕES DE VIÚVAS

9 MILHÕES DE ÓRFÃOS

10 MILHÕES DE PESSOAS SEM ABRIGO



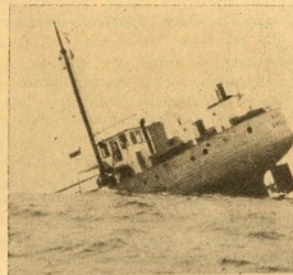
Se quiséssomos comparar o que se poderia ter feito com o dinheiro gasto nessa guerra, teríamos:



1 avião de bombardeamento e suas bombas durante um «raizã» equivale a...



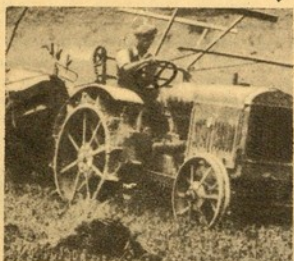
1 tanque ligeiro equivale a...



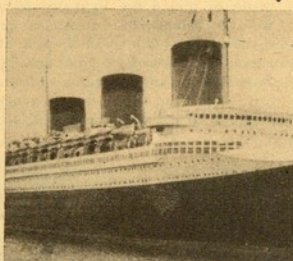
A tonelagem de navios afundados equivale a...



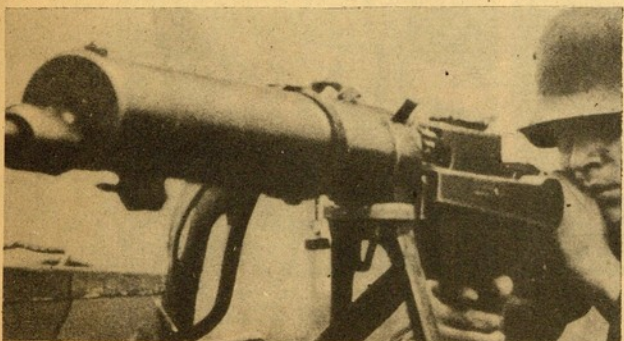
...Quarenta moradias.



...10 tractores.



...100 transatlânticos como o «Normandie».



1 metralhadora e munições para 1 hora de fogo equivale a...



...7.000 refeições servidas a potter

ÉIS um episódio interessante contado pelo célebre gastrônomo Brillat-Savarin, episódio esse de que foi testemunha:

«Certa manhã fui visitar o general Bouvier Deseclast, meu velho amigo e companheiro. Encontrei-o furo no seu gabinete e, estendendo-me um papel, disse:

— Veja isto!

Era a conta de um certo número de medicamentos, mas, sinceramente, os seus preços eram tão exagerados que eu compreendi a razão da fúria do general.

— Você vai ouvir a descompostura que dou a esse patife que me quer esfolar! — exclamou êle. — O homem está a chegar!

Nisto, a porta abriu-se e nós vimos entrar um homem de cerca de cinqüenta anos, vestido com apuro. Aproximou-se do fogão e recusou sentar-se.

Fui, então, testemunha do seguinte diálogo: que aqui reproduzo fielmente:

O GENERAL — Senhor, a nota que me enviou é uma verdadeira conta de boticário, e...

O RECEM-CHEGADO — Perdão. Eu não sou boticário.

O GENERAL — O que é o senhor, então?

O RECEM-CHEGADO — Sou farmacêutico.

O GENERAL — Pois bem, senhor farmacêutico, o seu empregado deve ter-lhe dito...

O RECEM-CHEGADO — Eu não tenho nenhum empregado.

O GENERAL — Quem é, então, esse rapaz?

O RECEM-CHEGADO — É o meu aprendiz.

O GENERAL — Eu queria dizer-lhe, senhor, que as suas drogas...

O RECEM-CHEGADO — Eu não vendo drogas...

O GENERAL — Que vende, então?

O RECEM-CHEGADO — Vendo medicamentos.

Nesta altura, a discussão terminou. O general, furo, estava tão perturbado que, sem saber o que responder, pagou a conta...



O dr. Subasich, chefe do gabinete yugoeslavo, transmite ao rei Pedro o resultado das suas conferências com o general Tito

O Rei Pedro desafia as decisões dos "Três..."

tação da monarquia como futuro regime governamental.

Pedro II opôs-se terminantemente a tal proposta e, após várias conferências com Churchill, Eden e Subasitch, deu ordens, pelo telefone, para que os jornalistas acreditados em Londres se reunissem na embaixada yugoslava, pois queria prestar declarações.

Tal resolução foi tomada sem conhecimento do governo britânico e do governo yugoslavo, por isso quando ambos os chefes do governo foram informados dos factos fizeram cancelar a entrevista, com a desculpa de que o rei Pedro fora descansar para a sua casa de campo, visto encontrar-se doente; por excesso de trabalho.

Esta explicação da ausência do monarca provocou uma série incontável de boatos especulativos e afirmou-se que o rei Pedro tinha a intenção de registar o acordo Tito-Subasitch, o qual já fora aprovado por Churchill, Roosevelt e Estaline.

O próprio Pedro II revelou, dias depois, num longo comunicado oficial, que tinha, realmente, a intenção de rejeitar o acordo assinado pelo seu chefe de gabinete, e afirmava que eflet às tradições democráticas dos seus antepassados, aprovava as propostas básicas formuladas no acordo inicial com Tito, segundo as quais a futura constituição e a forma de governo da Jugoslávia seriam determinadas, unicamente, pelas livres decisões do povo.

«O rei — prosseguiu o comunicado — aceita, em princípio, a decisão; mas, como monarca constitucional, considera seu dever sagrado verificar se, na verdade, o povo é consultado e os seus pensamentos livremente expressos.

«Por isso se fazem duas objecções ao acordo com Tito. O rei opõe-se à forma de regência que foi sugerida, com a nomeação do representante da Sérvia, Eslovénia e Croácia».

Opõe-se, igualmente, à formação dum Conselho Nacional de Libertação anti-fascista, «o qual disporia de poderes legislativos, sem quaisquer restrições, até ao momento em que a Assembleia Constituinte desse por terminados os seus trabalhos. Isto sugere, apenas, uma transferência

de poderes para um único grupo político yugoslavo».

A única conclusão que se pode tirar desta afirmação é que o rei Pedro se opõe ao predomínio do Partido Comunista, tanto mais que o comunicado concluiu: «O rei supõe que a formação dum governo composto por representantes de todos os partidos, incluindo-se assim todos os movimentos políticos, garantiria da única maneira válida um novo e melhor futuro para a sua Pátria, à qual espera regressar em breve».

Se bem que se continue a procurar a cooperação do rei Pedro no estabelecimento do Conselho de Regência, tudo parece indicar que o acordo será aprovado, quer pelo governo de Subasitch quer pela administração de Tito, mesmo que o monarca não o sancione, porque este plano tem a plena aprovação dos governos do Reino Unido, dos Estados Unidos e da União Soviética.

No fundo, segundo os observadores próximos da questuncula, as duas objecções levantadas pelo rei para a aceitação das propostas não são consideradas fundamentais, embora tenham de voltar a ser discutidas.

De toda a questão, o que parece ter provocado maior irritação nos meios oficiais — ao ponto de ser pôsto em destaque em todos os jornais de Londres — é o facto do rei Pedro estar a ligar mais atenção aos conselhos dos membros da sua corte do que aos dos seus ministros, coisa que já aconteceu na fase que precedeu o afastamento do general Mihailovitch.

Desautorizado pelo seu próprio governo, semi-ignorado pelos partidários do marechal Tito, e assediado pela pressão das Nações Unidas, a inesperienza política do rei Pedro voga arrastada por várias correntes de interesse, que cada vez o conduzem mais à convicção de que não foi bem isto que lhe prometeram, quando se exilou, nem era bem isto o que ele esperava...

É bem verdade que, salvo raras excepções, as monarquias europeias parecem cada vez mais periclitantes!

JOSE CORREIA RIBEIRO
(Sobrinho)

DE dia para dia, as questões políticas relativas aos países libertados da Europa complicam-se de tal maneira que a toda a hora se desvendam novos motivos de desacôrdo e má compreensão.

Assim, a Jugoslávia já tantas vezes se viu envolver numa guerra, volta mais uma vez a marcar a sua posição como elemento centralizador de complicações para as Nações Unidas.

É certo que a responsabilidade de tal situação não cabe apenas aos monarcas e estadistas exilados, após a ocupação dos respectivos países pelas forças militares do Reich. Quando, em 1940, a grande enxurrada germânica começou a espalhar-se pelos quatro cantos da Europa, a Grã-Bretanha, sôzinha, perante o então indiscutido poderio da Alemanha, viu-se forçada a prometer «mundos e fundos» a todos os pequenos países e seus governantes, que estivessem dispostos a oferecer resistência activa e passiva aos invasores.

Foi isso que aconteceu, principalmente, e em especial, com a Grécia e com a Jugoslávia, cujos monarcas emigraram para Londres, onde continuam a ser os símbolos da futura independência das suas Pátrias.

Porém, com o desenrolar da

guerra no interior dos países ocupados, surgiram elementos de combate que desempenharam papéis tão importantes na expulsão dos ocupantes que se julgaram, indiscutivelmente, com mais direito do que quaisquer outros políticos emigrados a dirigir os destinos dos futuros governos.

Deste modo se explicam as recentes revoltas sangrentas na Grécia, que tornaram muito problemático, para não dizer impossível, o regresso do rei Jorge II.

Com o drama da família real jugoslava, tantas vezes já pôsto em cena, a situação começa a tomar aspectos muito semelhantes aos atrás referidos, no caso da Grécia.

Depois da resolução dada, por imposição à crise provocada pelo facto de Mihailovitch ser o ministro da Guerra do gabinete sudoslavo de Londres, a questão parecia estar, teoricamente, arrumada.

Porém, tal não sucedia, porque no dia 12 de Janeiro se anunciou que o rei Pedro tinha sido informado de que o seu Primeiro Ministro, Dr. Subasitch, concordara com o marechal Tito — o qual, sem discussão, é o verdadeiro governante da Jugoslávia — em favorecer a formação dum Conselho de Regência, enquanto o povo não votasse a acei-



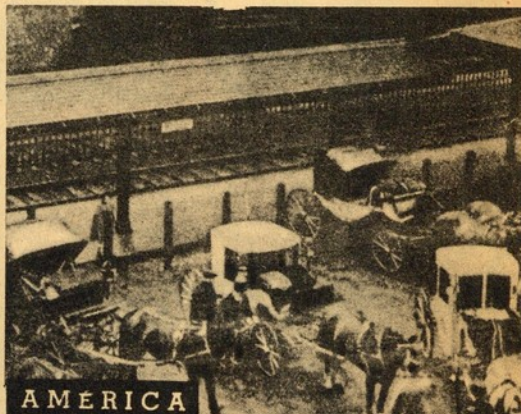
FRANÇA

Os documentos dos grandes dramas têm sempre actualidade. Por isso damos aqui um dos momentos trágicos da França: o julgamento de Georges Suarez, director do «Aujourd'Hui», um jornal pró-nazi e que pagou com a vida a sua convicção política. Et-lo a ouvir a sua sentença de morte.



ALEMANHA

A luta na frente oriental continua agressiva: os homens e os elementos atacam com furor. Contra o frio, os alemães defendem-se assim com peles.



AMERICA

Apesar de se anunciar o fim próximo da guerra, as nações fazem ainda as suas restrições. Aqui está a «gare» de Boston onde, para poupar gasolina, se substituiu o táxis pelo fiacre.

OS LIVROS DO MOMENTO



«Na descrição há páginas que podem igualar-se em brilho e intensidade a mestre Balzac.»

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

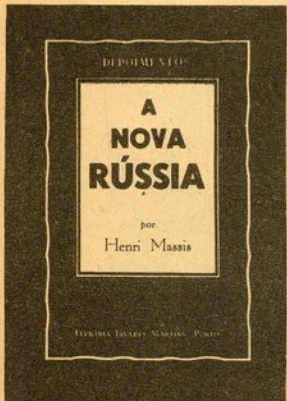
Distribuidores: Edições Ultramar, L.ª — Largo Dr. Afonso Pena, 68, 1.ª — Lisboa.



«Este novo trabalho de Metzner Leone consolida uma reputação recentemente criada, com dois romances facilmente esgotados pelo grande público.»

«DOMINGO»

Distribuidores: Edições Ultramar, L.ª — Largo Dr. Afonso Pena, 68, 1.ª — Lisboa.



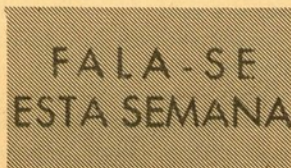
Um livro sensacional que acaba de ser pôsto à venda em todas as livrarias. Edição da Livraria Tavares Martins, do Porto.

O Brasil anuncia-nos:

ESTE ano, o prémio Diogo de Vasconcelos, instituído pela Academia Mineira de Letras — e não nos esqueçamos de que Minas é um Estado de intensa e brilhante vida intelectual — coube ao escritor João Camilo de Oliveira Tôres, pelo seu livro «O homem e a Montanha».

* A Americ-Edit acaba de lançar a edição francesa da biografia do Presidente Vargas, escrita por Paul Frischauer e intitulada: «Un portrait sans retouches. — Getúlio Vargas.»

* «Morte ao invasor alemão» é o título do feixe de reportagens escritas por Iliá Ehreburg e traduzidas para português por M. Wainer. Iliá Ehreburg é considerado um dos maiores escritores da actualidade e o seu livro, referente à invasão russa, está a fazer grande sucesso no Brasil, segundo lêmos em periódicos brasileiros.



JOÃO MARIA FERREIRA



Numa edição do autor, que não pretendeu abajar o conteúdo poético no objectivismo e a uma capa vistosa, sr. João Maria Ferreira e a edição agora, num primeiro volume, as suas obras completas — que o serão quando se tiver cerrado a última página, sobre o último volume. Este, que traz a título «Poemas da Natureza», fala-nos, em rima simples e fácil — a comprovar o estro poético do seu autor — de «Manhã», «Hino à Primavera», «Aquêl Choupo isolado», «Cartas do Gerez», «Da janela do meu quarto» e «Poemas Outomais». O livro vem acompanhado de notas críticas subscritas por Hugo Rocha, Nuno Beja, Octávio Rodrigues de Campos e Dr. Xavier da Cunha.



John dos Passos, um escritor moderno

Um escritor moderno tem de ser algo jornalista. Não se podem conhecer os anseios de um povo, sem ir auscultar-lhe a alma. John dos Passos, compreendendo que é assim, fez, há pouco, uma grande viagem pelos Estados Unidos. Queria sentir as reacções do povo americano perante a guerra. Reuniu, então, as suas impressões num volume a que pôs o título de «Stat of the Nation» — um importante trabalho, de sentido social, aligeirado pelo seu poder humorístico e literário.

Há mais de vinte anos que John dos Passos é o auscultador da nação, o observador atento do seu povo. Mas raras vezes, como neste livro, os anseios do mundo americano se viram tão nitidamente retratados. Há ali as amargas consequências da guerra, as confusões e o nervosismo que o levam a concluir: ou a América continua a progredir como uma sociedade que a si própria se governa ou, então, retrocederá, sob o regime de um chefe e do seu partido — forma comum de governar o mundo desde os primeiros tempos da humanidade. Tudo depende do modo como se comportar cada cidadão.

OLIVEIRA MARTINS



Não cabe aqui, evidentemente, a crítica de um livro que corresponde a um estudo de meses — talvez até de anos. «O Socialismo na monarquia» — um livro cheio de citações e documentos de uma época que é ainda a do nosso tempo não pode ser comentada de ânimo leve mesmo que fosse a favor de princípios coerentes com a verdade de todos. Oliveira Martins escreveu um estudo subjectivo, autorizado e cheio de comentários baseados no intuito de uma interpretação justa, embora muitas vezes partindo de um princípio político discordante. De qualquer modo, não há dúvida, «O Socialismo na monarquia» é um apreciado documento dos anos que precederam de perto a República.

VAMOS LER...

«...Os reingressos», que é o novo romance de Alves Redol, e que vai ser editado pela Inquérito.

«...Dois novos romances de Charles Oulmont, que estão a ser traduzidos pelo nosso colaborador, sr. dr. Rodrigues Tocha: «Sua excelência, a mulher» e «Livro de Amors.»

«...«Cimento armado», assim se chama o próximo romance de Genil Marques.»

«...É um largo estudo camiliano o livro que actualmente mestre Aquilino prepara para em breve apresentar aos seus leitores.»

FAÇA DE PAPEL

* É este um livro da máxima utilidade: o «Dicionário Corográfico de Portugal Contemporâneo», organizado, com muita proficiência, pelo sr. António Sampaio de Andrade e editado pela Livraria Figueirinhas. De certo, não é ainda o inventário de quantas pequenas terras existem dissimuladas pelo país. Todavia, suponhamos que o «Dicionário Corográfico de Portugal» é do melhor que entre nós existe.

* Com ilustrações de Leonel Cardoso, publicou a sr.ª Dr.ª Adelaide Félix a sua conferência que intitulou «Rotero de Viagens feitas no marroteiro das letras por gente de letras e seu termo», de certo escrito com muito aprazimento e lido com melhor deleite por quem tiver ensejo de o saborear. Leiriense illustre, a Dr.ª Adelaide Félix fala aqui daqueles com quem já hoje emparceira e que são alguns dos melhores nomes das letras portuguesas.

* «Manuela» é o título que a sr.ª D. Mariabel Xavier Fogaga pôs ao seu romance — e a estreia de uma autora que revela imaginação e bons dotes de construção do romance. Não se trata, evidentemente, de uma

obra de fôlego literário ou de intenções sociais. É um romance cheio de interesse romanesco e que coloca a sua autora entre as mais festejadas romancistas do seu género, principalmente procuradas pelas senhoras.

A edição é da Bólsa Cultural.

* O sr. Barata Dias, que nas suas horas de lazer tem escrito alguns trabalhos de intenções literárias, publicou mais um volume — «Romance Incompleto» — escrito com um grande conhecimento do meto que nos apresenta e com um acentuado desenho de caracteres. Pode escapar ao autor, aqui e além, um estilo que revele sensibilidade e, até, um certo gosto na escolha de palavras. Mas, não pode negar-se-lhe fidelidade descritiva e, até, facilidade de construção. (Edição do autor).

* A sr.ª D. Arminda Gonçalves, que já nos dera alguns volumes de versos, de construção académica e expressão profundamente lírica e romântica, deu-nos mais um volume de escultural poesia. É ainda e sempre a lírica e a romântica expressão. Não podendo negar-se-lhe o mérito de, como poucos, fazer bem poesia pela poesia. Sensibilidade, delicadeza, uma sincera emoção e uma perfeição notável de construção — eis o que o novo volume da sr.ª D. Arminda des.

Gonçalves revela, acima de tudo. (Edição da autora).

* «Vento vindo dos montes» é o título de um volume de contos que vem revelar um novo autor: o Dr. José Saraiva, primeiro prémio atribuído no concurso promovido pela Livraria Latina Editora, do Porto. A frescura, por vezes a emoção, a simplicidade de linguagem apropriada contra o artifício que seria lógico esperar de edição Latina Editora é cuidada pela primeira vez, fomos pensar que surgiu um novo prosador, com uma maneira própria de contar e de sentir a gente simples da serra — belos atributos que a crítica não deixará de apreciar no grande trabalho de edição Latina Editora é cuidada e traz a preceder os contos uma acta em que se revelam as conclusões do júri.

* Sem comentários, sem notas explicativas das razões que determinaram o seu aparecimento, foram agora editados os «Discursos Históricos» — 3.º volume — e que constituem a história cronológica da guerra actual, através dos discursos das grandes estadistas do nosso tempo. Salazar, Roosevelt, Churchill, chefes italianos e alemães aqui estão representados, pelas suas próprias palavras e definidos pelas suas próprias atitudes. (Edição da Latina Editora).

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital Res. 500.000\$

SEDE
Rua Garrett, 98, 1.ª

RAMO ACCIDENTES DO TRABALHO

Apólice N.º

AGENCIA

*Luís
Gomes Lourenço*

Salários seguros
Seguro esta

Premio anual
A liquidar trimestralmente

Data
24 de Junho de 1913

Nome do segurado
Micael Amal
Designação do serviço
Fabrica de adubo
Data
24 de Junho de 1913

CONDIÇÕES GERAES

Artigo 1.º — Objeto de Seguro. O presente contrato tem por fim garantir, em todos os casos, sem excepção nem reserva, o pagamento de todas as indemnizações a cargo do subscritor da presente apólice para tal de 15 de Junho de 1913, para com os seus operários, aprendizes e empregados atitudes por acidentes nos termos de dita lei, compreendendo as despesas medicinaes, farmacêuticas, funerarias e judiciais, a Comissão compensatoria a não opor nenhuma cláusula de perda de direito nos operários credores do possuidor de presente apólice.

Art. 2.º — Premio e declaração dos salarios. O seguro é effectuado e o premio é devido sobre todo o pessoal assalariado de ambos os sexos (operarios, aprendizes e empregados) que se empregarem, para a execução dos trabalhos da industria declarada nas condições particulares, excepto os que occupar de futuro que por qualquer motivo de arrendamento, em todos os seus estabelecimentos, fabricas, officinas e depósitos, sob sua fiscalização directa.

Em occorridos os perigos do segurado, este notificará expressa e previa designação commissiva. O segurado deve ter um seguro regular, e inscrever nos seus livros ou folhas de pagamento exactamente e sem excepção os nomes, profissões, idade, profissão, salario, ordenado e quaisquer retribuições de cada uma das pessoas que trabalham no estabelecimento por sua conta, bem como o numero da data de trabalho de cada um. O seguro é feito e o premio fixado sobre a base das indempções firmadas pelo segurado e das declarações mencionadas nas condições particulares justas. Qualquer modificação introduzida pelo subscritor na natureza ou funcionamento da sua industria ou empresa deverá ser declarada á Companhia, caso essa modificação seja susceptivel de agravar o risco á Companhia terá o direito de exigir um augmento de premio em caso de recusa de aceitar a apólice.

No caso de seguro em globo, qualquer modificação no pessoal do segurado susceptivel de trazer um augmento ao

total dos salarios que fôrram a base do premio do seguro, deverá ser objecto d'uma previa declaração da sua parte.

A Companhia terá o direito de augmentar proporcionalmente o premio do seguro.

Para todas estas alterações o seguro só pode ter effecto depois da Companhia ter lido e respectiva esta adicional e do segurado ter pago, para isso houver logar, o sobre premio resultante da alteração declarada. Se o premio não sofrer nenhuma alteração, ou fôr simplesmente alterado, o segurado é obrigado a equisar com a apólice.

Art. 3.º — Pagamento do premio. O premio é pagavel segundo as condições particulares justas, que em globo annua e adiantadamente, quer por trimestre recebido o calculado sobre a importancia dos salarios.

Neste ultimo caso o subscritor deve entregar á Companhia, a título de deposito, o quarto do premio annua calculado sobre os salarios e ordenados do anno precedente, ou uma importancia fixada de comum accordo no estabelecimento de recenseamento.

Não dependo ser a garantia do pagamento do ultimo premio quando o contrato fôr seja qual fôr a causa, e o segurado, se o houver será restituído ao subscritor.

Se no fim de cada anno do seguro a importancia dos salarios e ordenados fôr superior a 25 % da importancia dos depositos que serviram de base ao calculo do premio, o subscritor deverá pagar á Companhia um supplemento de deposito proporcional.

O contrato começa a vigorar no dia immediato ao pagamento do premio do deposito.

Se o subscritor não effectuar este pagamento e mais tarde, dentro de 8 dias da data do começo mencionado nas condições particulares, a Companhia pode á sua escolha reclamar o pagamento do recibo ou annular o contrato. O sinistro do premio é feito sobre a totalidade das remunerações directas abonadas ao pessoal do subscritor, quer em dinheiro (comprehendendo parcialmente as gratificações, participações de lucros e gorjetas) quer em commodidades (casa, roupas e alimoços).

ACCIDENTES DE TRABALHO

PELOS HOSPITAIS E POSTOS DE SOCORROS DA COMPANHIA DE SEGUROS 'A MUNDIAL' PASSARAM ATÉ HOJE MAIS DE

Meio milhão de sinistrados

Foi há 31 anos, no dia 24 de Outubro de 1913 que a Companhia de Seguros «A Mundial» emitiu a sua primeira apólice de «Accidentes de Trabalho», tendo como segurados os srs. Abecassis (Irmãos) & C.ª.

O primeiro segurado a dar um sinistro foi, porém, a Parceria dos Vapores Lisbonenses, com a Apólice N.º 50, em 19 de Novembro de 1913. O sinistro chamado-se Joaquim Paulino e era marinheiro.

Teve alta oito dias depois, a 25 de Novembro. Ganhava \$57 por dia.

Neste primeiro ano, 1913/14, «A Mundial» emitiu 1.150 apólices de «Accidentes de Trabalho». Decorridos 31 anos, «A Mundial» tem em vigor 15.028 Apólices do mesmo ramo e registou no dia 31 de Dezembro do anno findo o sinistro n.º 520.400, o que quer dizer que pelos seus Hospitais e Postos de Socorros passaram até áquella data mais de meio milhão de sinistrados de trabalho.

Mas se é interessante dar a conhecer estes números pelo que elles têm de expressivos no desenvolvimento do ramo — «Accidentes de Trabalho» — na Companhia de Seguros «A Mundial», não é menos curioso, dar a conhecer também o que é necessário possuir — como organização — para poder fazer face a este constante aumento de movimento. Em breve o diremos.

A 1.ª Apólice de Accidentes de Trabalho emitida por "A MUNDIAL"



SIGA UMA ROTA SEGURA AO ADQUIRIR UM APARELHO DE RADIO

Escolha um **CENTRUM**

O RADIO DE SOM MARAVILHOSO

FILRADIO

Distribuidores em Portugal para a revenda:
Rua da Madalena, 66, 2.ª Dt.ª — Lisboa
Distribuidores no norte do País:
PERES PESSOA & C.ª, LTD.ª
Rua Fernandes Tomaz, 749 — Porto
Distribuidores no centro do País:
MONTEIRO & IRMAO, LTD.ª
Largo da Portagem, 5 — Coimbra



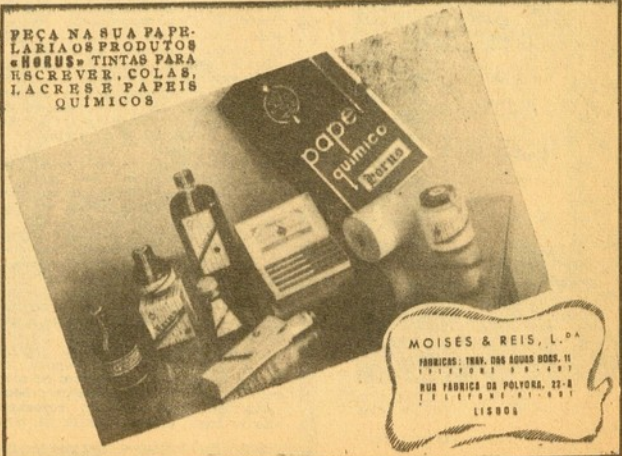
ESTAS DORES QUE IMOBILIZAM...

São rapidamente aliviadas com fricções de

BAUME BENGUÉ

O analgésico de todos os reumatismos e dores

Experimente, e nunca mais deixará de ter à mão este precioso remédio
Cada hinaga — Esc. 15\$00 — em qualquer Farmácia
BAUME BENGUÉ
O INIMIGO DAS DORES



PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS «HERBES» TINTAS PARA ESCRIVER, COLAS, LACRES E PAPEIS QUÍMICOS

MOISES & REIS, L.ª
FABRICA: TRAV. DOS AGULHÕES, 11
LISBOA
RUA FABRICA DE POLYORA, 27-A
LISBOA

Companhias portuguesas no Brasil



ESTA é a Adelina — a grande Adelina que não tem ainda quem lhe suceda nos palcos portugueses. Certa vez, que um estrangeiro — porque não dizer: o secretário do Paul Reynaud, o sr. Levisson? — viu-a representar.

— Grande actriz em qualquer parte do mundo, a maior que tenho visto em Portugal!

Adelina acabava de representar o «Pranto de Maria Parda», numa das belas tardes culturais oferecidas pelo Nacional.

Hoje, Adelina está retratada da cena. Mas o Teatro e o público já lhe prestaram a homenagem que o seu talento exige? De vez em quando, surgem intenções de promover essa homenagem mas, depois, tudo recai no silêncio. Por que será?

As três pancadas

Avenida: "A Fidalga da rua"

Fernando Santos, Almeida Amaral e Lourenço Rodrigues escreveram esta opereta que só não se chamou, e com propriedade, «O último Marialva» porque alguém da companhia bateu o pé e impôs que fosse ele a dar o nome à peça. Seria interessante que a disciplina comandasse mais um espectáculo do que estas susceptibilidades verdadeiramente infantis. Mas, adiante, e oxalá o facto não creie precedentes...

A opereta é mais uma tentativa — e por que não até uma realização? — para um retamento de velhas tradições. Lisboa teve lindas operetas: foi o tempo de Palmira Bastos, foi o tempo de Auzenda de Oliveira e de tantos outros nomes brilhantes do teatro musicado. Depois, este género de espectáculo, com o reinado da revista, perdeu pouco a pouco o seu prestígio. E só a opereta popular, com fadistas e guitarra, à mistura, parece hoje interessar. Verdaderamente, o público melancólico e exigente. Em parte, este Melancólico deve-se ao desfalco da representação, pois a boa vontade dos actores não chega para suprir as deficiências de uma certa falta de prática.

* O entrecho da opereta tem o seu fiozinho sentimental, a sua nota cômica e a sua cênica agradável. A construção, em quadros, tem, por vezes, um bom ritmo, movimento e não lhe faltam, mesmo, as condições para criar emoção, embora o convencional apareça às vezes abusivamente, nesta época em que as convenções surgem em «volte-faces» fundamentais. Ainda assim, não regateamos a nossa boa-vontade para o aplauso de um trabalho que, se não é essencialmente perfeito, mantém uma unidade e um equilíbrio apreciáveis.

* As pedras basílicas da intriga são três: Mina Braga, Laura Alves e Alberto dos Reis. Mas é preciso chamar ao primeiro plano: Teresa Gomes e Alvaro de Almeida — ela na «Fla Anástacia» e ele no «Meio quartilhos». Alberto dos Reis, que tem já uma certa prática de opereta, poderia ter representado melhor algumas cenas — é certo que, por vezes, a peça o obriga a certos lapsos, como naquela altura em que «Gracinda» lhe vai levar a carta e é ficada meia hora a gesticular antes de apresentar: «Então-que há?». Mas cantou sempre bem e agradou, principalmente, naquela canção de «Mulheres e cavalos». Mina Braga, também com certa prática de opereta e uma boa presença, nem sempre representou como devia, embora a sua voz nos fizesse esquecer certas deficiências de representação. Laura Alves, com muitas reminiscências de re-



Diga o pensa!... Acêrca de Laura Alves

Desta vez, chamámos Cardoso dos Santos, crítico e autor soberamente conhecido, para que nos dissesse o que pensa de Laura Alves, uma artista que surgiu de um dia para o outro com o nome em grande nos cartazes. Cardoso dos Santos com a autoridade que a sua qualidade de crítico oficial lhe confere, responde:

— O que penso da Laura Alves? Penso que está ali, não só uma autêntica voz de teatro ligeiro, com todos os requisitos de mocidade, alegria, comunicabilidade com o público, voz fresca e cantante, mas uma actriz de rara intuição, revelando, no drama ou na comédia, argracia de inteligência, finura de sensibilidade, clareza de expressão — tudo isto valorizado por uma vontade firme e consciente. A excessiva exuberância assinalada pelas primeiras críticas, têm-se disciplinado à medida que a vão transformando os conselhos dos mestres e a experiência do palco. E se não é, por enquanto, a sucessora da ausente Beatriz Costa, que ainda não abdicou a realeza, é já a sua sucedânea na simpatia do público. Fraco profeta seria o que lhe não vaticinasse o triunfo completo na carreira tão propiciamente iniciada.

vista, fêz-nos ter saudades daquela vez em que tão bem cantou a sua «Rosas» de «Lisboa, 1900» — e, lembrámo-nos dela aí, porque também gostámos de a ouvir cantar e representar aqui — número caricatural com Mina Braga e Teresa Gomes. Foi francamente graciosa e actriz. Quanto a Maria Brasão que fazia de mãe de Laura Alves, pareceu-nos com a devida distinção — mas, cuidado com aquela frase quando diz, mais ou menos, que do amor «quais» sempre nasce a dor. Porque não «quists»? Os outros intérpretes — e não esqueçamos Carlos Leal nem Picarra, que cantou e representou quasi sempre um prouto acima dos restantes — contribuíram para o nívelamento geral.

ANUNCIA-SE, para breve, a partida de uma grande companhia teatral destinada a levar ao Brasil um arzinho da sua graça portuguesa. Estas viagens estão na tradição do teatro luso-brasileiro. E, de tal modo o nosso é representativo no mundo sul-americano que, folheando os arquivos do teatro no Brasil, que está a ser publicado em excelentes volumes pelo Departamento de Cultura do Ministério da Educação — se fica com a nítida impressão de que a arte de Talma raras vezes conseguiu vingar no solo brasileiro se lhe faltou o estro português. De facto, o teatro não tem ali quasi tradição. Belo país de grandes poetas, oradores, prosadores — e pintores, depois da chegada, ali, das equipas de artistas franceses levadas pelo imperador D. Pedro II — o Brasil ficou quasi sem teatro, talvez porque contou sempre com a contribuição dos portugueses. E, quasi assim, ainda hoje. Não obstante as permanentes provas de boa vontade das entidades oficiais, faltam no Brasil as grandes vedetas, principalmente do teatro ligeiro. Alda Garrido envelheceu — e nem sempre agradou, porque a sua tendência era demasiado popularuncha — e a substituí-la ninguém apareceu. Ninguém apareceu, é como quem diz: lá está Beatriz Costa a reatar a

tradição do teatro brasileiro. Não já a Beatriz que nós conhecemos, mas uma outra, mais popularuncha, menos subtil e mais amiga do que a crítica e o público culto de todo o mundo repudiaram.

Enfim, Rosa Mateus, segundo se anuncia, prepara-se para ir ao Brasil com uma grande companhia; Aníbal Nazaré e Maria Sidónio propõem-se ao mesmo — supomos que sem companhia; Amália Rodrigues anunciou que foi convidada para «estrelar» — como se diz no Brasil — uma companhia de revistas.

Quem irá, quem não irá? De certo, alguns ficarão em terra — por falta de meios... de transporte. Mas, de qualquer modo, alegramo-nos com o facto de estarmos em vésperas de se reatar a tradição. O Brasil dispõe hoje de bons teatros, bom público — e até de bons actores, como esse admirável casal Odracir e Odilon, figuras máximas da alta comédia, e que muito gostaríamos de ver em Portugal. Mas brasileiros e portugueses só têm a lucrar com esta espécie de relações culturais, tão fundas para a amizade dos dois povos.

Portanto, que se reate a tradição, dentro de um bom sentido artístico e com o máximo de prestígio para quem vai, para quem fica e para quem recebe...



Gisela Deege é uma das primeiras figuras do «ballet» Willy Schultze-Vogelheim conhecido, até há pouco, em todos os grandes centros de diversão. Aqui está a graciosa bailarina, num dos seus mais lindos e dinâmicos bailados.



ALEMANHA



CASAS Á PROVA DE ACIDENTES...

CERTAMENTE, o poder de improvisação é uma grande arma de guerra. E, a comprová-lo, aqui estão estas fotos e as notícias que nos chegam da Alemanha: a arte de improvisação nos caminhos de ferro do Reich. Sob a cúpula da «gare» destruída, está, como se vê na foto em cima, uma pequena casa. É uma das «Kauens», construída pelos serviços dos caminhos de ferro, em toda a parte onde haja necessidade de prestar auxílio, por motivo de bombardeamentos. Nestas habitações de carácter provisório, feitas para todos os fins, estão os «guichets» para venda de bilhetes, centrais telefónicas, expedição de mercadorias, verdadeiros «ateliers» de trabalho e de alojamento confortável.

Na foto que damos ao lado, vemos o interior desse alojamento — de uma «Kauens», como lhes chamam os alemães. Como se vê, este casal de empregados dos caminhos de ferro resolveram de forma prática e confortável, o seu problema de instalação. A ideia que presidiu à construção destes alojamentos foi a sua «mobilidade» extrema, e que é também aproveitada nas aglomerações de empregados chamados a fazer reparações grandes, em pouco tempo. Por outro lado, quando as habitações são destruídas pelos bombardeamentos, e enquanto não é possível — mesmo nos grandes aglomerados — construir edifícios de carácter permanente, os alemães cedem as «Kauens» às vítimas da guerra.

A favor das crianças francesas

A juvenude, as pequenas vitimas, as vidas mais pequeninas da Europa são das que mais sofrem nesta guerra que não provocaram. E, entre todas, as crianças francesas são das que mais têm sofrido as consequências do ódio humano. Felizmente, porém, os homens também são capazes de amar. E é graças a eles — desta vez, aos suíços — que três vezes por semana, as crianças de Paris recebem, duas refeições açucaradas — o Phoscao e o Pooridge.



As fronteiras da Alemanha

MUITOS têm sido os momentos em que parece a guerra ter-se esgotado de si própria, deixando que, no seu domínio, factos de outra natureza, política ou diplomática, venham a tomar a supremacia na atenção dos povos angustiados. Neste momento, porém, difícil será chamar à barra motivos de outra ordem que não sejam os puramente militares. Efectivamente, o que, depois de tanto se ter falado na «fortaleza europeia», passou a ser, simplesmente, a «cidadela alemã» está a ser mordido em todo o seu perímetro geográfico pela acção conjugada dos exércitos aliados, a ocidente, a sul e a leste. O próprio solo alemão começa a ser trilhado por exércitos estrangeiros, experimentando agora a Alemanha os horrores da invasão, que sempre ignorara desde a sua formação imperial.

Empenhada em guerras múltiplas, guerras perdidas e guerras ganhas, sempre a Alemanha conseguiu disputá-las e decidí-las no território do inimigo, podendo guardar intactos os seus monumentos, as suas preciosidades, os seus templos, os seus museus, as suas casas e os seus instrumentos de trabalho. Lances dramáticos como os do grande êxodo francês, em 1940, repetição, em ponto grande, de outros já sofridos em 1914, nunca chegara a Alemanha a conhecê-los, mas pode dizer-se que os está a conhecer agora, nas mais lancinantes e profundas consequências da guerra, na sua expressão mais actual, em que se misturam a ansiedade e o sofrimento dos homens da frente de batalha com os das próprias populações civis.

Essas mesmas angústias torturantes, sem remédio, que a pobre Europa, quasi de um extremo a outro, tem visto derramar sobre si própria, pesam hoje, do mesmo modo, sobre o próprio povo alemão, que sente desabar a tormenta sem par na sua história. O esclarecido e sempre calmo Wladimir D'Ormesson, o comentador diplomático francês mais «punhos de renda» anterior a 1939, dava há dias, no «Figaro», a expressão do sentimento francês sobre a actual fase das operações:

«A batalha desenvolve-se agora no próprio solo do Reich. O povo alemão vai saber finalmente o que representa a invasão que se espalha. Fêz sofrer demasiadamente os outros povos, para que não nos sintamos como que inundados de alegria perante estes factos. Se alguma vez há o direito de associar à palavra pura de justiça essa coisa infame que é a guerra, é certamente no momento em que a Alemanha vê voltarem-se contra si os instrumentos de morte com os quais pretendeu submeter os outros ao seu domínio.»

Decerto, D'Ormesson deixa ofuscar a sua clarividência de intérprete pelo seu sentimento de francês, sobre cuja recordação pesam a lição da história e a lição do presente, ainda vivo. Evidentemente, quem for alheio à contenda pode compreender a posição psicológica dos franceses perante o seu irredutível e histórico adversário, mas essa compreensão poderá não significar, evidentemente, a adesão racional a um ponto de vista ditado por considerações em que o factor sentimental não será o menos predominante.

Em que estado de espírito seguem os mandatários dos diferentes povos para as conferências internacionais em que se vai decidir o arranjo da Europa para os anos mais próximos? Enquanto se espera o sinal de que começou ou vai começar a próxima reunião das três potências maiores — a França continua a fazer saber que não foi convocada e que não pedirá para o ser — De Gaulle diz que, terminada a guerra, a margem ocidental do Reno ficará com uma guarnição permanente. Isto recorda a reivindicação francesa: a fronteira de leste será a do Reno. A Polónia, por seu turno, reclama a fronteira sobre o curso do Oder. Será entre estes dois rios que se estabelecem os limites da Alemanha posterior à guerra actual?

J. R. S.



INGLATERRA

A Europa, a medida que os países são libertos, vai regressando ao usufruto de muitos dos seus instrumentos de progresso. Assim, por exemplo, entre a Inglaterra e a França foram restabelecidos os «combóios» aéreos da Mancha. Pela primeira vez, depois de 1940, um «train» vindo de Paris chegou a Londres, com correspondência e passageiros.

FRANÇA

A História repete-se

O primeiro "De Gaule" resistente francês e os seus "companheiros"

A França mais de metade invadida; uma linha de demarcação no Loire; o partido nacional constituído por dissidentes desunidos, e que os seus adversários tratavam de politiqueros, de bandidos, de traidores ou de idealistas; um exército francês lutando dificilmente contra o invasor e sofrendo derrotas desanimadoras; para além da «linha», apenas alguns núcleos de resistência organizada e a insurreição «terrorista» da «porcaria camponesa», como dizia um realista, contra a qual o inimigo recorria aos cães de guerra, às execuções implacáveis e ao apoio incerto das milícias locais; em frente, o governo oficial a colaborar com o invasor, a entregar-lhe a capital, os grandes corpos e as diferentes engrenagens do Estado; a gente ordeira opondo a boa organização e a disciplina do adversário às improvisações e à anarquia francesa; os intelectuais vencidos pelas «boas postas» ou aderindo às opiniões europeias do chefe inimigo; os tradicionalistas sensíveis à restauração pelo estrangeiro de um passado abolido; os partidários dominados pelo ódio político, os legalistas perflhando as teorias do inimigo porque o Governo de Paris assim ordenara e porque a dissidência quebrava a unidade da Nação; os deses-

ESPECIAL PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

perados convencidos de que o invasor era invencível; os resignados encontrando um prazer amargo em bater no peito; as almas piedosas refugiadas no derrotismo religioso; os moralistas e os pacifistas a prosseguindo a todo o custo a realização dos seus fins, tirando proveito das circunstâncias...

Não é a França actual que acabamos de descrever: é a França do primeiro terço do século XV, antes de Joana d'Arc.

A História, sem dúvida, não se repete. Mas semelhante encontro é tão flagrante, tão cheio de ensinamentos e de esperanças que constitui um argumento de que frequentemente experimentamos o poder. Nada faltou à França de hoje — nem sequer o nome já prestigioso para o qual se voltavam as esperanças dos franceses. Porque a História misericórdiosa não nos dava apenas Joana

d'Arc: dava-nos também um de Gaule.

Jean de Gaule — o do século XV — e não, Charles de Gaule. Um outro nome próprio e uma ortografia ligeiramente diversa; e, sobretudo, uma grande diferença no papel desempenhado a distância que vai do chefe duma grande renovação nacional ao animador duma resistência local, dum vencedor a um vencido que se limitou a ter esperança na vitória.

Mas, então, como hoje não deixava de ser bom poder exaltar um de Gaule e opôr à tração dos «franceses renegados», como diziam os Ar-

(Continua na pág. 16)



Charles De Gaulle, o símbolo da resistência actual

COMENTÁRIOS do Repórter Mistério

(Continuação da pág. 15)

Houve muitos leitores que se deixaram ludibriar pela maneira como estava feita a 2.ª pergunta do Problema n.º 2. A verdade é que se não tinha havido roubo de jóias, na altura, também não tinha havido cúmplices.

Contudo, dadas as boas deduções que alguns solucionistas apresentaram sobre a «possível» cumplicidade de Daniel ou de Francisco, foi-lhes arbitrado um certo número de pontos.

— Alguns — e, afinal, ainda bastantes — não conseguiram sequer chegar ao Quadro de Classificação. As suas respostas não serviram, pois acusavam logicamente como autor principal do roubo Daniel, Francisco e até o próprio Gabriel.

Apenas dois ou três mereceram melhor atenção, pela imaginação que demonstraram. E tiveram pontos — poucos, é certo... — para não perderem todo o seu esãoço.

— Nem sempre a resposta do concorrente necessita ser absolutamente idêntica à da solução oficial. O que precisa, sim, é de ser lógica, bem deduzida, e sem falhas possíveis para qualquer interpretação errada. Por isso mesmo, os pontos variam conforme o valor da resposta.

— A tabela do Problema n.º 2 vem trazer modificações importantes à posição dos favoritos. E surgem novos nomes a tomar lugares de destaque. Isso satisfaz-nos, porque promete uma luta renhida.

E já agora vamos dar a posição dos primeiros classificados, até ao segundo problema:

COM 39 PONTOS:

Alberto de Penamacor (Coimbra).
Artur N. R. (Lisboa).
Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).

COM 38 PONTOS:

Rial-Verro (Póvoa de Varzim).

COM 37 PONTOS:

Condor (Viana do Castelo).
Detective Ágata (Lisboa).
Detective Branco (Lisboa).
Detective Omar (Lisboa).

COM 36 PONTOS:

Agente Z-4 (Matosinhos).
All-round Detective (Mafra).
Eureka (Lisboa).
Insignificante (Guarda).

Inspector Manardo (Setúbal).
Mister J. G. Reader (Lisboa).

COM 35 PONTOS:

Leiria Dias (Lisboa).
R. P. (Lisboa).

Depois, entre 34 e 2 pontos há mais de 50 concorrentes. Quem vencerá?

— Vê-se, portanto, que ninguém alcançou os 40 pontos.

Dos primeiros classificados do Problema n.º 1, só Alberto de Penamacor se mantém no pelotão da frente acompanhado de Artur N. e Mimi Sherlock Holmes, que pularam do segundo para o primeiro pelotão.

Contudo, os outros vanguardistas do Problema n.º 1 não ficaram muito deslocados, e a sua desforra vai ser rápida, decerto.

— Como se tinha dito anteriormente, cada produtor tem direito à classificação de 20 pontos no número em que vier publicado o seu problema.

ATENÇÃO

É obrigatório enviar juntamente com a solução do problema n.º 4, publicado neste número, o seguinte cupão, de votação aos problemas apresentados. (Não se recebem respostas que não sejam acompanhadas de cupão, nem se contam os votos dos solucionistas que apareçam, pela primeira vez, no Problema n.º 4).

1.º Concurso — Cupão de votos

Dou uma votação de (entre 1 e 5 pontos)

Ao Problema n.º 1:.....
Ao Problema n.º 2:.....
Ao Problema n.º 3:.....
Ao Problema n.º 4:.....

O Concorrente

SISTEMA ORIGINAL DE APOSTAS

Por absoluta falta de espaço não podemos dar hoje esta secção. Pedimos desculpa aos nossos leitores e prometemos não faltar na próxima semana.

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
por RAFAEL MARÇAL
À venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
VIDA MUNDIAL

Non peça à sorte...
peça
Niepoort

UMA MEIA MEIA FEITA
OUTRA MEIA POR FAZER
SE AS NÃO COMPRAR NESTA CASA
MUITO TERA QUE COSER.

Meia de Vidro

RUA AUGUSTA, 158 — LISBOA

FIXINA
O fixador de cabelo das pessoas distintas

A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

1944. *Botão maior, 15800*
Botão menor, 10800

Vende-se nas boas drogas, farmácias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Ildefonso, 29, Pórtó — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt.º — Telef. 43582.

BE/ONE BELFORD

DEIXE-ME VIVER!
Romance

UMA MUNDIAL EDITORA

POMPEIA

O PÓ DI ARROZ

L.T.P.

leve e imprápravel

Está mais do que provado que os produtos de beleza tiveram grande voga desde os mais recuados tempos.

Que admira, pois, que presentemente não haja senhora alguma que os não aplique?

V. Ex.ª tem tudo a ganhar se na sua «toilette» só empregar produtos que lhe ofereçam absoluta confiança: L. T. Piver, de Paris, com os dois séculos de existência e renome universal, só fabrica produtos de classe. Entre outros, de grande valia, o seu pó de arroz Pompeia torná-la mais bela e sedutora. Lembra-se que as divinas romanas, a pesar de encantadoras e esculturais, não passavam sem o aplicar todos os dias.

L.T. PIVER

UM LIVRO EMPOLGANTE

FUGIU UMA ESPIA...

Por CHARLES BERRY

VERSÃO LIVRE DE GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLEÇÃO «OS GRANDES ROMANCES DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA DE UMA ESPIA RUSSA: DRAMATISMO, MISTÉRIO, EMOÇÃO!

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos: VIDA MUNDIAL EDITORA, L.ª

RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA

1.º Concurso mensal — Problema n.º 3

1. — Foram verdadeiras, pois viam-se confirmadas pelos acontecimentos e pelas deduções do inspector.

2. — Foi vítima de morte provocada.

3. — Pela carta escrita por A. Pimentel. Este indicava ao irmão para se utilizar dum sobrescrito enviado por ele. De maneira que este sobrescrito trazia na parte gomada o arsénio que havia de matar Ferreira Pimentel.

4. — Um pormenor esclareceu tudo ao inspector. Se o industrial se quisesse suicidar não escreveria ao irmão a respeito da compra dum livro (a carta enviada pelo industrial fôra endereçada ao Pôrto e, portanto, ao irmão).

Além disso, o facto de Ferreira Pimentel ter morrido envenenado depois de mandar deitar a carta no correio, fazia supor que ele tivesse sido envenenado precisamente nessa altura.

Por outro lado, o veneno fôra ministrado em pequenina dose. O criado não podia perceber, decerto, estes pormenores de criminologia.

Portanto, o inspector concluiu que todo o segredo estaria na carta enviada para o Pôrto.

E, de facto, apanhada a carta constatou-se a verdade: o industrial fechara o envelope, humedecendo-o com a língua e tomando involuntariamente o arsénio al contido. Depois bebera meio copo de água, o que ajudara ainda mais o efeito do veneno.

Apesar de tudo, pois, A. Pimentel, embora tivesse preparado com inteligência o seu plano, nada conseguira.

Quadro de classificação do Problema n.º 2 — 1.º Concurso mensal

COM 20 PONTOS:

- (39) Artur N. R. (Lisboa).
- (34) Artur Varatojo (Lisboa).
- (31) Esoj Rapsag (Covilhã).
- (20) Fanny (Covilhã).
- (39) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (37) Rial-Verro (Póvoa de Varzim).
- (20) S. T. Marranhokos (Lisboa).
- (20) Zé dos Anzóis (Lisboa).

COM 19 PONTOS:

- (38) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (37) Condor (Viana do Castelo).
- (37) Detective Branco (Lisboa).
- (30) Ferraz da Costa (Lisboa).
- (19) Rocanolí (Neias).
- (32) Thaouia (Lisboa).
- (19) Zirteba (Lisboa).

COM 18 PONTOS:

- (29) Abelha Mestre (Coimbra).
- (36) Agente Z-4 (Matosinhos).
- (37) Detective Omar (Lisboa).
- (36) Eureka (Lisboa).
- (29) Fantomas (Lisboa).
- (18) José Valdo Sequeira (Lisboa).
- (1) Júlio Fogaga dos Santos (Lagos).
- (18) O. K. (Braga).
- (31) Rdmulo (Lisboa).
- (36) Mister J. G. Reeder (Lisboa).

COM 17 PONTOS:

- (17) Acife (Lisboa).
- (17) Alexis Nemo (Lisboa).
- (37) Detective Aguia (Lisboa).
- (17) Detective de Calças (Coimbra).
- (17) Duarte Leite Pimentel (Lisboa).
- (17) Ivone Costa (Lisboa).
- (36) Insignificante (Guarda).
- (17) Jorge Belo (Viseu).
- (17) Miss Damby (Lisboa).
- (25) Natércia Leite (Lisboa).
- (17) Príncipe Savil (Lisboa).
- (25) Rapsag (Setúbal).
- (17) Sherlock Holmes Vareiro (Ovar).

COM 16 PONTOS:

- (24) Adorol (Lisboa).
- (36) All-round Detective (Mafra).
- (25) Fernando Edgar Trigo (Ermesinde).
- (34) Fernando Rosa (Leiria).
- (36) Inspector Manardo (Setúbal).
- (34) José de Sousa (Pôrto).
- (32) Mac. B. Learn (Lisboa).
- (16) Mr. Mota (Lisboa).
- (34) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (16) Pouca Sorte (Lisboa).
- (16) Repórter F (Lisboa).

COM 15 PONTOS:

- (33) António Bernardo (Loures).
- (24) António Godefroy (Quejuz).
- (18) Artur Silvari (Lisboa).

1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

PROBLEMA N.º 4

O CRIME DO JOGADOR

Original de Artur Varatojo-Lisboa — Dedicado a Repórter Mistério

N ESSA noite, Ricardo Emílio, o conhecido detective, teve pela frente um dos seus casos mais interessantes e, simultaneamente, de mais difícil resolução, não só devido à complexidade do próprio caso, como também ao ambiente sórdido em que se passara.

Fôra assassinado no «Salão-Bar», taberna de horribéis tradições, João Carvalho, «O Má-Vida», jogador e batoteiro com péssima fama entre os companheiros.

Ricardo Emílio entrou no «Salão-Bar», ouviu as declarações prestadas pelos assistentes, ordenou que ninguém saísse dali, sobretudo os companheiros de jogo de «O Má-Vida», e dirigiu-se para a mesa larga, onde apenas restavam o cadáver de João Carvalho caído de bruços sobre o tampo, cartas e os cinzeiros com as marcas do jogo.

Então Ricardo Emílio tirou um rápido «cróquis» da mesa, com tudo o que nela se encontrava.

Depois, registou os apontamentos principais das declarações conseguidas ao cabo de apertados interrogatórios.

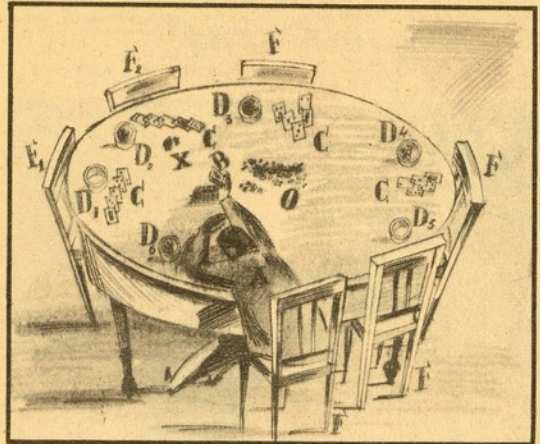
Primeiro — João Carvalho, «O Má-Vida», fôra assassinado com dois tiros no estômago.

Segundo — Contrariamente ao que era habitual nos jogos do «Salão-Bar», «O Má-Vida» nessa noite não tivera por parceiros nem «O Lagartixa» nem o Chico Salão.

Terceiro — Um dos jogadores era canhoto. Outro, o Mário da Ermida, era maneta.

Quarto — Segundo as declarações do «Gonçalo Múdo», criado do «Salão-Bar», todos os que já haviam recebido jogo tinham as cartas seguras numa das mãos precisamente quando soaram as duas detonações.

Quinto — Carlos Damião, quando Ricardo Emílio o interrogou acerca da falta de duas balas no seu revólver, explicou que tivera uma rixa, ao cair da tarde, e que descarregara então os dois tiros. Além disso, exhibiu o pulso direito, quebrado por uma bala



durante a rixa, o que o impossibilitava de fazer qualquer movimento com aquela mão. Todos os outros confirmaram as suas declarações.

Sexto — O Chico Salão guardava as marcas dos seus parceiros, que eram «O Lagartixa» e Carlos Damião.

Sétimo — «O Lagartixa» tornara-se suspeito no decorrer do jogo, pois tão depressa se escondia com «O Má-Vida» como com o «Maneta». No momento em que soaram os tiros, ele contava, na palma da mão, as escassas marcas, recentemente ganhas, antes de as entregar à guarda do Chico Salão.

Oitavo — Um dos jogadores estava a beber no momento das detonações, e apanhara um tão grande susto que se engasgara com o vinho.

Depois de saber que os jogadores dessa noite tinham sido João Carvalho, «O Má-Vida»,

«O Lagartixa», «O Chico Salão», Carlos Damião, o Mário da Ermida e um espanhol chamado Gonzalez — Ricardo Emílio conseguiu chegar à solução do mistério de «O Crime do Jogador».

QUESTIONÁRIO

1.º — Qual a disposição dos jogadores, indicando os respectivos lugares? Porquê?

2.º — Qual dos jogadores era canhoto? Porquê?

3.º — Qual dos jogadores estava a beber? Porquê?

4.º — Quem foi o assassino de «O Má-Vida»? Porquê?

NOTA — Cada resposta vale de 1 a 5 pontos. As soluções de Lisboa devem ser entregues até 7 de Fevereiro, e das províncias até ao dia 8.

Sistema original de Apostas para o 1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

Indica o nome (ou pseudónimo) do meu favorito em cada uma das séries

- A) Produtor
- B) Solucionista

Apostando nêles, respectivamente, as seguintes livros

B)

B)

O concorrente

Nome completo do concorrente

Morada

NOTA — Este cupão pode ser enviado num simples postal ou numa carta a «Sistema de Apostas N.º 1 — Repórter Mistério» — «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa.

De preferência, os livros devem acompanhar o envio do cupão.

CORRESPONDÊNCIA

Júlio dos Santos Fogaga (Lagos) — Comunicarei à administração o seu caso. Quanto ao resto... é mistério! Artur Varatojo (Lisboa) — Leia os meus comentários neste número. Encontrará a resposta.

Ivone Costa e Zirteba (Lisboa) — De facto, tinha estranhado a vossa ausência. Estimo sinceramente as rápidas melhoras.

REPÓRTER MISTÉRIO

O pintor português Luciano em Madrid

(Continuação da pág. 4)

rido pelo Museu Nacional de Arte Moderna, nota-se sempre aquela força de expressão, aquêle magnífico sentido interpretativo. All a côr é diferente, o ambiente outro, e Luciano soube captar com simplicidade de processos aquelas velhas casas e ruas deste velho e característico «pueblos de Salamanca, dando a êstes seus quadros um romantismo e uma poesia que completa bem, em síntese, as características desta linda região.

É curioso observar nesta exposição de Luciano a mudança brusca que se sente nos seus quadros pintados em Espanha e naqueles que são pintados em Portugal. Nota-se a diferença nítida do ambiente, do clima, da região, o que vem provar que Luciano não é um mecânico de processos, mas sim um verdadeiro artista, que tem um caminho traçado, e se souber orientar os «remiges» pode continuar a manter o lugar de destaque que já conquistou na difícil arte de pintar. Que a sua juventude e emoções o guiem para mais largos vãos, mantendo o prestígio que já conquistou em Madrid, pondo em relevo a nossa pintura moderna que tão decadente tem andado.

MÁRIO GONÇALVES OLIVEIRA

O primeiro "De Gaule" resistente francês e os seus "companheiros"

(Continuação da pág. 13)

magnacs e como a História continua a dizer, a dedicação e a fé daqueles que certos textos denominam «os Companheiros de Gaule».

Vejamos quem foi Jean de Gaule: Governador de Orléans em 1405 e qualificado, então, de «cavaleiro intrépido», à cabeça dos Armagnacs em 1411, parece ter estado 4 anos mais tarde, quando da batalha de Azincourt, na ponta extrema do ataque francês. É êle que encontramos, em 1418, naquele «Companheiro de Gaule, escudeiro, capitão da cidade, castelo e fortaleza de Vire», que entregou aquela praça ao inimigo depois de uma defesa magnífica, em 21 de fevereiro.

Parece que Jean de Gaule era uma forma abreviada ou alterada do seu nome, porque de acordo com os textos da época, o verdadeiro nome do herói seria Jean de Gaulliers (ou Gaullières), Senhor do Feugueray, no baillo de Caux.

«Era um bravo — escreve o erudito Abade Allix — e se capitulou foi porque Vire, como as outras praças

normandas estava insuficientemente provida de armas e de munições. Rendeu-se pela força das armas, mas não aderiu à política do vencedor. Os seus haveres foram confiscados e, no dia 19 de abril seguinte, Henrique V dava a um tal Guillaume Messyn os solares, terras e haveres que foram de Jeap Gaulliers, rebeldes».

Resta o nome de «Companheiro de Gaule» que usou e que usaram outros depois d'êle. Que um soldado fizesse preceder o seu nome do termo «companheiro», temos outros exemplos da mesma época (um «companheiro de Cabourg», um «companheiro de Annebault»). Quanto aos outros «resistentes» que adoptaram ou receberam a denominação de «companheiro de Gaule», é muito provável — pensa Gasté — que a recordação da defesa de Vire e do chefe que a dirigiu ficasse popular entre a gente do Bocage normando e que, mais tarde, quando os patriotas se juntaram para sacudirem o jugo, o nome de «companheiro de Gaule» ficasse para êles como uma evocação de adesão. Tudo isto são hipóteses, mas é curioso evocar êstes feitos do patriota Jean de Gaule e dos «companheiros» da resistência normanda de um período tão afastado e, contudo, tão perto dos nossos dias.

EMILE G. LEONARD

Os Filmes portugueses na América do Norte

(Continuação da pág. 17)

ção do referido filme na cidade de Cambridge.

«Apenas aluguel o filme aos senhores Cordeiros, da dita cidade, e não sou culpado por êles terem alugado máquinas na minha casa de ferro-velho.

Quando no domingo cheguei a Cambridge e vi as máquinas, disse aquêles cavalheiros para não darem o espectáculo, porque vi logo que as mesmas máquinas não prestavam; mas êles, como já tinham tudo preparado, quiseram exhibi-lo, dando o resultado de que o público já teve conhecimento por ter sido publicado neste jornal e no «Diário».

«Realmente, foi mau para os espectadores; mas para mim, ainda foi pior, porque, infelizmente, nem o aluguel do filme me pagaram, sendo, portanto, eu, de todos, o mais prejudicado, pois os srs. Cordeiros e uma senhora, que vendeu os bilhetes, meteram o dinheiro no sacco e usaram-se ao fresco e eu fiquei sem nada».

Reproduzimos estas locais não só para assinalar a ansiedade com que a colônia portuguesa da América do Norte recebe os filmes portugueses, como também para lamentar que seja possível, como nesta desgraçada aventura dos srs. Cordeiros, tripudiar com êles e iludir a melhor expectativa dos nossos compatriotas de Além-Atlântico. Elo espiritual, mensagem da nação aos que longe dela moram — o cinema português vê a sua missão ampliada, na medida em que se projecta a distância. E pergunta-se: não seria possível recomendar o assunto, às autoridades consulares ou agentes comerciais portugueses na América do Norte, para evitar a repetição de tão lamentáveis especulações e incidentes? Crenos que com o facto todos teriam a ganhar.

Alvaro de Andrade

(Continuação da pág. 21)

qualquer manifestação de arte, como o teatro ou o cinema — os reais valores do campo artístico... No campo literário, não podemos esquecer as palestras de domingo, de Tomás Ribeiro Colaco, um dos poucos escritores humoristas que entre nós compreenderam a Rádio. Hoje, nesse campo, nada existe... No campo sério, no campo educativo, um único nome apareceu: Vitorino Nemésio.

Qual a razão, se é que alguma existe, porque não aparecem mais valores na nossa Rádio, alimentada há anos pelos mesmos elementos? — Simplesmente, creio eu, porque não os procuram... Há valores, sim. Mas não se encaminham para a Rádio e ninguém os vai buscar...

— Para acabar, Alvaro de Andrade, qual a idéia que mais fortemente se lhe vincou, perante a nossa Rádio, nestes 10 anos que você sempre acompanhou?

— Apenas esta: a Rádio, como tantas outras coisas entre nós, circumcreveu-se a uns tantos... e êsses tantos dispõem dela. E, portanto, a Rádio estagnou. É esta a idéia mais forte — e talvez o resumo — de 10 anos de trabalho relacionado com o microfone...

FERNANDO CURAÇO RIBEIRO

AS BELAS - ARTES ESTIVERAM "Á CUNHA"...

(Continuação da pág. 5)

posição deixou de ter a procura merecida. José Ribeiro, que mal conhecíamos de alguns trabalhos dispersos, é um enamorado das coisas tristes e nostálgicas. Os bairros pobres da cidade, com a sua pobreza remendada, sem procurar pitoresco mas verdade, cem por cento verdadeira, chamam-no e dão-lhe aqui os melhores motivos dos seus quadros. Porque é na Lisboa triste e sem sol, na Lisboa de negras de luz pálida, que está o que mais nos agrada nesta sua última exposição. O «Bêco das Flores», a «Rua da Galé», o «Pátio de D. Fradique» — são pedaços do nosso mundo, ocre e sena que andam agarrados à nossa sensibilidade e a idéia desta Lisboa anémica, pintada de amarelo... Sem dúvida, José Ribeiro faz mais do que sentir os quadros tristes — por quê quasi sempre sem vida e desprovoados? — da nossa cidade: vai pelos campos, recolhe imagens. E então, dá-nos pedaços da paisagem, onde o verde não adquiriu, porém, uma mistura de natural e menos crua. Crus são também às vezes os contornos de certos motivos nas docas — mas é preciso chamar a atenção do público para os desenhos de José Ribeiro, porque o desenho é a base da pintura e nêles se sente a mão ágil e firme do artista. Alguns dos que apresentou agora são verdadeiros monumentos — sem pormenor demasiado mas de tão larga realização.

TRES ALUNAS DE FREDERICO AIRES

Num dos salões laterais do rés-do-chão, expuseram três alunas de Frederico Aires: Maria Emília Barbosa Viana, Noémia Vieira e Branca de Aguiar — tôdas, salvo erro, com trabalhos apresentados em salões das Belas-Artes. Pelos temas, pela sua própria condição feminina — estas três artistas aproximam-se, embora se distingam na personalidade e até no mérito. Assim, quanto a nós, Maria Emília Barbosa Viana é das três senhoras a que revela mais sensibilidade, mais delicadeza e poder de execução. As suas flores são as mais «vivas» e naturais e as suas telas de ar livre — por exemplo, «Trecho do Parque», em Torres Vedras — revelam, por vezes, um ansio de independência, uma procura de libertação de tutelias académicas.

Noémia Conceição Vieira pareceu-nos a menos representativa. O desenho nem sempre é seguro — por exemplo, no quadro 3 — e os assuntos, como «Pêros», não lhe deviam merecer as honras de uma tela. Enfim, Branca de Aguiar, a de mais larga representação de ar livre, pareceu-nos demasiado dura e crua — aquilo que se poderia chamar muito «lambido». A experiência, porém, a guiar, não é verdade?

M. A.

FITAS FALADAS

A FESTA DOS IDOLOS

HOLLYWOOD descobriu uma nova fórmula de espectáculo cinematográfico, parente próxima das antigas «réclats de benefício». Uma história singela passada num acampamento de soldados; com uma rapariga simpática bem relacionada nos estúdios da Cinelândia, e que, por amor ao exército, ou, mais particularmente, por um soldado da sua simpatia, organiza um brilhante espectáculo, valendo-se da colaboração obsequiosa das estrelas suas amigas. O assunto, já explorado em «Cocktail das Estrelas» (Star Spangled Rhythm), é glosado, de novo, em «A Festa dos Idolos» (Thousand Cheers), mas desta vez com o esplendor de um maravilhoso colorido. Tais filmes assemelham-se assim a um almôço servido em luxuoso ambiente — e no qual os aperitivos, para todas as preferências e paladares, vêm paradoxalmente no fim. Os «consagrados» surgem em vários números isolados ou breves «sketches» de conjunto — e o «hors d'oeuvre» é saboroso, decorativo — e perfeito.

Em «A Festa dos Idolos» abundam os elementos de valorização do espectáculo. Trinta estrelas e três orquestras constituem, de facto, uma equipa valiosa — e a melhor parte do filme é delas. Mas Kathryn Grayson — lembra-se das suas tímidas aparições ao lado da «Família Hardy?» — está um amor de rapariga e canta maravilhosamente. No que se refere aos elementos de ordem técnica, há que apreciar, em primeiro lugar, a magia do colorido, em felizes combinações, dentro da harmonia do conjunto. Hollywood, não há dúvida, está em plena ofensiva da cor. E compreende-se: se conseguir tornar tão anacrónico o filme a preto e branco, como o mudo, depois do sonoro — terá dado um passo em favor da hegemonia do seu cinema. Pois os pequenos países produtores não poderão — por agora — pensar em dedicar-se à produção de películas fotografadas por tão dispendioso processo.

Há que concordar que a cor é um elemento extraordinário de valorização do espectáculo — e da beleza da mulher, grande cartaz do cinema americano. Em «A Festa dos Idolos» há conjuntos magníficos sob este aspecto. E a palavra deslumbrante aplica-se tanto à beleza das «bathing-beauties», do «sketch», do «Red Skelton», como ao efeito de certos quadros de conjunto.

José Iturbi, o famoso pianista espanhol, há muitos anos na América, surge pela primeira vez no cinema

como concertista e chefe de orquestra. E não podemos deixar de pensar o que se passaria, entre nós, se solicitássemos de um dos nossos concertistas a missão de acompanhar uma grande vedeta, numa canção enraizada na melhor música de «jazz».

F. F.

Os Filmes portugueses na América do Norte

O êxito de «O Costa do Castelo» e a aventura do sr. Cordeiro, que vestiu a pele do lobo para exhibir o «Amor de Perdição»

IS jornais portugueses da América do Norte dão conta do êxito alcançado pelo filme de Artur Duarte, «O Costa do Castelo», junto das colónias portuguesas de várias cidades. Temos presentes recortes de diários e semanários de East Providence, North Easton, Newark, Cambridge, etc. A estes espectáculos — realizados em sessões contínuas, a partir das 14 horas — assistiram portugueses de Norton, Stoughton, Bridge-Water, Cranston, Riverpoint, etc.

O «Independente», comentando aquela produção, escreve textualmente: «Da nossa parte, só temos a dizer que filmes de tal forma apresentados não nos envergonham, e oxalá uma completa remodelação, como a que acabamos de assistir, ponha termo à velha cinematografia portuguesa, para aqui trazida, que em nada nos recomendava».

«O Amor de Perdição» não foi tão afortunado em Cambridge. Recordamos do jornal de New-Bedford, Mass: «Domingo passado seguiu para Cambridge um grande número de portugueses para assistir à exibição da película «Amor de Perdição», os quais, na verdade, foram todos ludibriados, não pela fita, mas sim pelas máquinas projectoras que os empresários alugaram. Foi uma completa borracheira, levantando-se o povo todo a meio da fita e requisitando o seu dinheiro, tendo desaparecido o empresário».

No dia seguinte, no mesmo jornal, apareceu a seguinte «declaração»: «Eu, Francisco Agostinho, proprietário do filme «Amor de Perdição», declaro, publicamente, que não sou culpado em coisa alguma na exhibi-

(Continua na pág. 16)



PLANOS DE MONTAGEM

As revistas de propaganda, ao serviço dos beligerantes, também já falam no caso de «Um Homem às Direitas». E em que termos!

O bom senso parece, na realidade, ter sido racionado. Só o vemos em doses mínimas...

* O nosso camarada de redacção Fernando Fragoso está a fazer a adaptação e sequência cinematográfica da célebre comédia «O Leão da Estréla», que foi uma das coroas de glória de Chaby Pinheiro.

* Sousa Santos, Presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, fez notar, há dias, numa entrevista, as disparidades que se observam com os nossos filmes em Espanha, e em relação ao tratamento que nós damos às películas espanholas. Sousa Santos mencionou a imposição da «dobragem» feita em estúdios madrilenos. Mas há mais: alguns dos nossos melhores filmes, entre os quais «A Arriba», premiado na Bienal de Veneza, continuam por exhibir nas telas do país vizinho...

* «Inês de Castro», de Leitão de Barros, vai ser apresentada, em Paris, pelo produtor e distribuidor A. de Aguiar. Em França, o filme cha-

O público só há pouco tempo decorou o seu nome. Mas hoje todos conhecem Geraldina Fitzgerald, uma artista completa que representa, com idêntico ò-vontade, a comédia e o drama. Os seus admiradores talvez gostem de saber que é a mais recente mamá da Cinelândia.

mar-se-á «La Reine Morte», título da peça de Montherland, sobre o mesmo tema.

* Começam, brevemente, os trabalhos de preparação do novo filme «Matinée às 4».

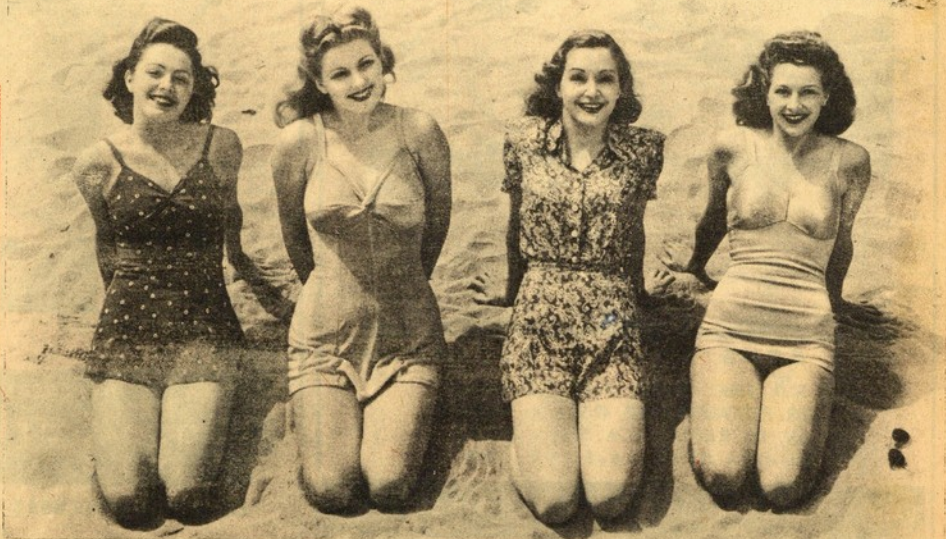
Para o elenco indigitam-se artistas conhecidos, embora se afirme que a maior parte dos papéis se destinam a estreantes.

Entre estes, figura um rapaz que, há dias, sem qualquer apresentação, e com a maior sem-cerimónia, procurou o autor do argumento, o nosso camarada de Imprensa Aníbal Nazaré, no jornal «Os Ridículos», onde é chefe de redacção. Explicou o que queria, afirmou-se cheio de qualidades e de vontade de triunfar e, o certo é que vai ser um dos primeiros, ou o primeiro, a prestar provas para o principal papel.

Parece que vale a pena ser-se audacioso!

* Segundo se diz, a produção n.º 1 da Cinelândia — que continua sem título — será estreada no Eden.

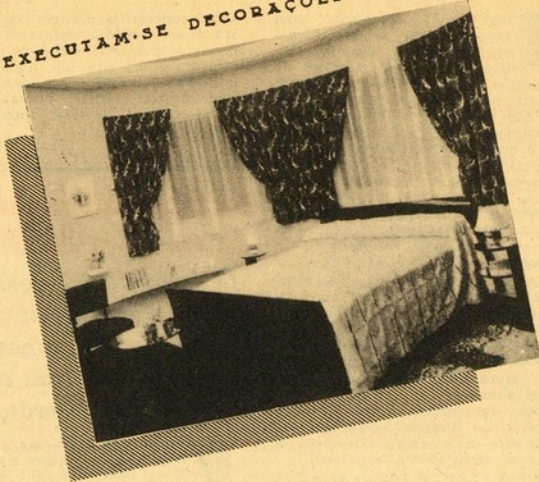
Enquanto, na Europa, o inverno se nos mostra rigoroso — há sol e alegria nas doiradas praias da Califórnia. Sol, alegria — e lindas raparigas. Aqui têm Mary Solborg, Alice Jews, Ira Sandra e May Rocson — quatro ilustres desconhecidas das telas portuguesas — «sposando» para o fotógrafo. A nitidez da prova diz-nos que, apesar de tudo, a máquina não tremeu...



*Móveis
Decorações*



EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR



PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

**ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L. DA**

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 2 8551

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-
JOURS ★ CANDELABRÓS ★ CANDIEI-
ROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

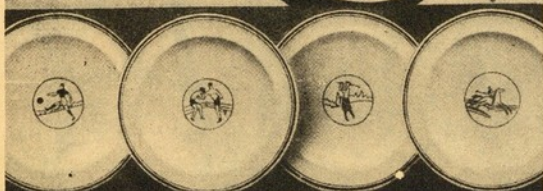
R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497



FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - > 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - > 4 1189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - > 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA



IOGURTE

FLORINA

ALIMENTO COMPLETO,
NUTRITIVO E SABOROSO
QUE FORTALECE, EMBE-
LEZA A PELE, FORTIFICA
O ORGANISMO

Recomendável para a
saúde dos que sofrem do
estômago, fígado e intes-
tinos.

Toma-se simples ou
com açúcar a qualquer
hora do dia.



DISTRIBUIDOR GERAL

José Carlos Janeiro

AV. DUQUE D'ÁVILA, 38-C - TEL. 4 1684

ENCONTRA-SE NAS BOAS PASTELARIAS E SALÕES DE CHÁ



Romance da Margarina

Há uma frase simbólica que estabelece a distinção entre ricos e pobres: «os que comem o seu pão seco e os que podem comê-lo com manteiga». A manteiga sempre foi um artigo de luxo; as massas trabalhadoras têm sido as seculares vítimas da falta de gorduras suficientes para todos.

Em 1869, Napoleão III, imperador dos franceses, instituiu um prêmio valioso para quem inventasse um novo género alimentício popular, barato e nutritivo. Os candidatos ao «Prix Napoléon» foram inúmeros. De entre eles surgiu o inventor da margarina.

O professor de agronomia Mège-Mouriès havia feito uma observação simples mas muito importante: notou que uma vaca, embora submetida a um regime que excluía totalmente as substâncias gordas ou mesmo privada de toda a alimentação durante uns dias, continuava a dar leite cujo conteúdo em gordura mal decrescia. Concluiu daqui que a gordura do leite não provinha directamente da forragem e sim das gorduras do próprio animal. Portanto, talvez fôsse possível produzir manteiga utilizando, para isso, sêbo de qualquer outra espécie de gordura.

Após várias tentativas e utilizando um processo complicado, Mège-Mouriès inventou a margarina e ganhou o «Prix Napoléon». Esta margarina tinha um sabor agradável e estendia-se sobre o pão mais facilmente do que o sêbo; alargava a base do uso das gorduras, mas, como eram ainda gorduras animais, as quais existiam em quantidade deficiente dada a escassez de gados, a margarina de Mège-Mouriès não era ainda um produto capaz de satisfazer as necessidades populares.

Em 1902 novos progressos surgiram. Norman conseguiu solidificar gorduras naturais líquidas e, portanto, pouco próprias para a alimentação, como o óleo de soja, de amendoim, de palma, de algodão e de baleia, hidrogenando-as em presença do níquel.

E criaram-se, assim, novas e enormes fontes de alimentação. A indústria da margarina começou a progredir tanto que, actualmente, fornece mais de um quarto de todas as gorduras comestíveis do mundo. Produz-se cerca de 1 milhão e 500 mil toneladas por ano.

As novas gorduras foram formadas onde menos se esperaria. Os caroços do algodão, que envenenavam o gado e empobreciam a terra, tornaram-se fontes de riqueza. Ainda em 1890 se queimavam dois milhões de toneladas de caroços de algodão na América. Hoje existem mil e duzentas fábricas de óleo de algodão.

Além deste óleo, outros foram procurados. A vulgarização crescente da margarina corresponde, também, o trabalho escravo dos nativos nas regiões produtoras de copra e de palma, e o começo do extermínio das baleias, dos golfinhos e de todos os animais fornecedores de óleo.

Actualmente, 40 % da margarina é produzida com óleo de baleia. Cada baleia fornece 100 barris de óleo, no valor de 24 contos. Em pouco tempo formaram-se grandes empresas capitalistas que se guerreavam por causa das baleias.

A margarina foi-se tornando muito barata e acessível. O seu sabor melhorou rapidamente, graças a delicadas pesquisas de laboratório. A margarina não só veio resolver o problema da falta de gorduras com, quando bem feita, se tornou uma concorrente da manteiga no que respeita ao paladar.

Vê-se, neste pequeno romance da margarina, como o trabalho da ciência consegue superar as deficiências da natureza, e é um instrumento inestimável para elevar o nível de vida e bem-estar de toda a humanidade.



CIÊNCIA E GUERRA

Sem a ciência moderna, uma guerra como esta a que assistimos, seria impossível. A intervenção da ciência manifesta-se também de forma decisiva na escolha do material humano. A foto mostra um futuro piloto submetido a experiências que verificarão o seu comportamento nos vãos de mergulho, e nas diferenças de profundidade. Exige-se que as reacções do piloto sejam rápidas e eficazes. É de desejar que este metucioso cuidado em seleccionar homens para a guerra seja empregado, num futuro de paz justa, na escolha dos indivíduos próprios para as diversas profissões produtivas. A felicidade humana assim o exige.

Beba leite quente!

A bebida que melhor ajuda o organismo constipado a restabelecer o seu funcionamento normal, é o leite bem quente.

O calor transmitido por meio do leite quente, propaga-se ao sangue. Toda a corrente sanguínea é estimulada, tornando-se mais rápida. E, deste modo, mais sangue atinge o órgão doente, e, com o sangue, as substâncias terapêuticas nele contidas.

O leite quente contribue de maneira extraordinária para provocar o suor. Este, por sua vez, é um remédio admirável para impedir as constipações agudas. Com o suor são expulsas do organismo numerosas matérias tóxicas que devem a sua formação à influência das bactérias.

O leite quente estimula, também, a actividade dos rins. Os rins filtram todos os resíduos inúteis produzidos no organismo, e são os primeiros a sofrer no caso de qualquer doença.

As virtudes do leite quente não ficam por aqui. Na rouquidão, é um ótimo tratamento; e não é pequeno o seu valor para todos os enfermos dos nervos e dos músculos.

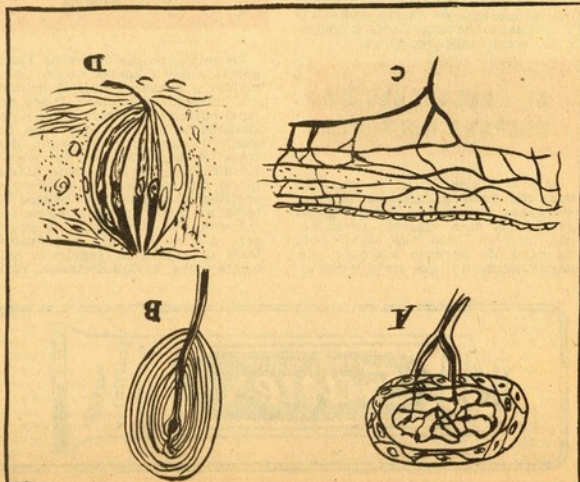
Os progressos do ar condicionado

O «ar condicionado» é o ar submetido a um prévio tratamento, graças a certas técnicas modernas. É possível, segundo as necessidades, conferir ao ar um certo grau de umidade, aquecê-lo ou arrefecê-lo, limpá-lo de poeiras e micróbios. Vê-se, pois, a enorme vantagem para a saúde de haver ar condicionado em todos os sítios em que há aglomeração de pessoas ou péssima atmosfera. Numa mina de ouro da África Austral, o ar condicionado permitiu o trabalho dos mineiros a profundidades consideráveis, onde antes era impossível trabalhar devido ao calor. Nas fábricas de tecidos, nas de açúcar e outras, o ar condicionado melhorou as condições de trabalho do operariado.

Nos hospitais o emprêgo do ar condicionado tende a generalizar-se, com grande vantagem para os doentes. Tem-se notado que o uso deste ar é particularmente benéfico aos enfermos atacados de reumatismo.

COMO SENTIMOS?

Contra o que a maioria das pessoas imagina, o corpo humano possui órgãos especiais para sentir as mudanças de temperatura, a pressão, a dor, os sabores, etc. Estes pequenos órgãos estão situados à superfície do corpo, na pele. Essencialmente, são constituídos por fibras nervosas. Na gravura vê-se: A) Órgão do frio e do calor; B) Órgão das sensações de pressão; C) Órgão da dor; D) Órgão do gosto.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXI — Países ocupados — Holanda

NO dia da sua chegada a Londres, depois de ter abandonado a sua pátria para não aceitar o regime de ocupação que acabava de lhe ser imposto, a rainha Guilhermina dizia no final da alocução radiofónica que dirigiu ao povo holandês: «Permanecer aqui para obedecer à tradição da Casa de Orange e para ser fiel àquela insensível parte do mundo que continua a combater por um ideal que é mais sagrado do que a própria vida».

Estas palavras traduziam uma intenção que nem a duração prolongada da guerra nem o peso das circunstâncias adversas conseguiram vergar ou diminuir de 10 de maio de 1940, o território holandês foi invadido e a sua resistência esmagada pela força, o governo holandês não encontrava nada de que se acusar. A sua atitude de neutralidade fora sempre rigorosamente observada. Esta atitude, inesperada para a um sentimento profundo da nação e dos seus dirigentes. Era unânime a opinião entre os holandeses de que nem a França, nem a Grã-Bretanha, nem a Alemanha, tolerariam cada uma por motivos diferentes, que na Holanda se estabelecesse a hegemonia de qualquer grande potência contrária ao conceito de equilíbrio continental. O governo holandês recusava-se sempre, por isso, sistematicamente a entrar em qualquer aliança ou acordo que fosse susceptível de perturbar a ordem europeia. Mas esta atitude, afirmada ao longo de uma existência secular pacífica e estranha a todas as tendências de conquista ou de domínio, ficaram exuberantemente demonstradas no apoio entusiástico dado à Sociedade das Nações e na sincera adesão com que os holandeses, sem qualquer distinção, saíram os princípios de cooperação internacional e segurança coletiva.

A vontade de paz na Holanda aparece expressa praticamente na política de desarmamento sistemático observada pelos seus governos. Ao contrário do que acontecia com muitos outros países da sua extensão territorial, a Holanda dedicava a quasi totalidade das receitas que o Estado cobrava à realização de obras de carácter social que, nas vésperas da guerra, tinham atingido um nível excepcionalmente elevado. A assistência, a previdência e a instrução sob as mais diversas formas, constituíam as preparações dominantes dos dirigentes holandeses.

As despesas militares, com excepção da marinha de guerra necessária à realização da sua tarefa colonialadora, eram muito reduzidas.

AS PRECAUÇÕES DO GOVERNO HOLANDÊS

Mas se a sua atitude de neutralidade fora sempre observada com um escrúpulo que desafia todas as exigências da mais rigorosa investigação histórica, isso não significava, da parte do governo holandês, um desconhecimento, que seria indescul-

pável, das realidades políticas e militares que tocavam de perto as suas fronteiras e ameaçavam a sua segurança.

Esse governo tinha enviado oportunamente instruções aos seus representantes em Londres e Paris para que fossem tomadas, em caso de invasão, as necessárias providências a fim de que a Holanda chegasse ao auxílio indispensável para a sua defesa eficaz, ao menos durante algum tempo. O governo holandês, na previsão de um ataque do Reich, resignara-se a abandonar transitoriamente a sua neutralidade e a tomar partido numa luta em que a sua própria existência acabara por se achar envolvida.

A luta desigual que se travou no território holandês durou apenas cinco dias. A esmagadora superioridade da «Wermacht» quebrou rapidamente a resistência de tropas mal equipadas e mal armadas. O concurso da resistência dos sítios holandeses foi particularmente favorável ao êxito rápido da invasão. O sistema defensivo imaginado pelo Estado-Maior holandês foi dominado com uma rapidez desconcertante. No campo de batalha ficou cerca de um quarto dos efectivos do exército holandês. Todos os aviões holandeses que receberam ordem de combater foram derrubados e sacrificadas as suas tripulações. As ruínas fumegantes de Rotterdam atestaram os resultados da aplicação da arma aérea nesta guerra. Mais de trinta mil mortos ficaram sepultados nessas ruínas.

Quando o comandante-chefe das forças armadas holandesas, General Winkelman, deu ordem para cessar fogo já tinha cessado praticamente toda a resistência. Mas a capitulação das forças militares não implicava a capitulação do governo do país. A tentativa de capturar esse governo e a rainha malograra-se. A soberania e os seus ministros seguiram para a capital britânica onde deviam conservar-se durante todo o prolongado período da ocupação, organizando a cooperação da Holanda na luta contra o Reich e anunciando o movimento de resistência interior que tomou rapidamente um grande incremento. Essa dupla missão foi executada durante todo o período, mais de quatro anos, que decorreu entre a invasão (Maio de 1940) e o começo da libertação (setembro de 1944).

OS MINISTROS HOLANDESES EM LONDRES

Os ministros dos Negócios Estrangeiros e das Colónias foram os primeiros a chegar à capital britânica e a juntarem-se à rainha. O seu principal objectivo era evitar que o aprisionamento eventual dos seus colegas, cujo paradeiro ignoravam, desse fora de legalidade ou fundamento jurídico à ocupação do país. Mas nenhum dos membros do gabinete foi aprisionado e dentro de poucos dias todos se juntaram em Londres onde iniciaram, imediatamente, a sua tarefa que seria longa e exaustiva. Com os ministros seguiram igualmente para a Grã-Bretanha vários

altos funcionários da administração holandesa. Foi assim possível, num prazo de tempo relativamente curto, reconstituir no estrangeiro a máquina burocrática e os órgãos políticos que tão relevantes serviços deviam prestar durante o período da ocupação.

Um dos aspectos mais importantes da continuidade da acção governamental no caso da Holanda era o que se referia à administração dos vastos territórios coloniais que pertencem àquêle país. A autoridade do governo holandês no exílio foi plenamente reconhecida por todas as parcelas do seu Império Ultramarino que incluía, entre outros territórios vastos, o grupo das Índias Orientais. Todas as colónias holandesas proclamaram a sua identidade perfeita com os objectivos do governo que se exilara em Londres e afirmaram, ao mesmo tempo, o propósito de continuarem a luta ao lado da Grã-Bretanha e dos aliados até ao país até uma decisão vitoriosa.

Esta solidariedade revelou-se, no futuro, de uma grande importância para a condução da guerra por parte das Nações Unidas. Quando o Japão se decidiu a fazer abertamente comum com os países totalitários da Europa, e mesmo no período crítico que precedeu o ataque nipónico a Pearl Harbour, revelou-se todo o valor das Índias Orientais. Pode dizer-se que elas constituíram um traço de união entre as Nações Unidas e entre a guerra no Oriente e no Ocidente, contribuindo pela sua resistência para que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos pudessem elaborar e executar eficazmente os seus planos estratégicos na Europa e na Ásia. Sem o seu concurso não se teria a resistência dos seus habitantes, a qual se prolongou ao longo do primeiro semestre de 1942, a condução de guerra teria sido bastante diferente e diverso o papel que nela puderam desempenhar as potências anglo-saxónicas.

AS PROCLAMAÇÕES DA RAINHA

Na sua primeira proclamação dirigida pela rádio britânica ao povo holandês, a rainha Guilhermina dizia entre outras coisas: «Depois de se ter demonstrado que nem eu, nem os meus ministros podíamos continuar a resistir livremente à autoridade do Estado na Holanda, foi necessário tomar a resolução, árdua mas indispensável, de transferir para o estrangeiro a sede do governo, durante o tempo exigido pelas circunstâncias, com a intenção bem firme de regressar ao território da pátria logo que se criassem para esse efeito as condições adequadas.

O governo encontra-se actualmente em Londres. A sua intenção é a de não capitular nunca. Os territórios holandeses que continuarem em mãos de holandeses, dentro e fora da Europa, das Índias Orientais e nas Índias Ocidentais, constituem um Estado soberano. Esse Estado continuará a fazer ouvir a sua voz e a marcar a sua posição especialmente nos Conselhos dos Aliados que o reconhecem como seu legal.

Onde quer que o invasor tenha tomado conta do poder, as autoridades civis devem continuar a adoptar todas as providências que sejam úteis e estejam no interesse das populações locais. Um dos seus primeiros cuidados deve consistir em procurarem manter, sempre que isso seja possível, a lei e a ordem.

O meu coração está junto de todos os meus compatriotas que no território da pátria terão que passar tempos certamente duros. Mas voltará, decerto, o tempo em que, com o auxílio de Deus, a Holanda recuperará o seu território europeu. Lembrem-se todos das catástrofes que tivemos de suportar nos séculos passados e das ressurreições que se seguiram. Mais uma vez esse fenómeno se repetirá. Que ninguém desespere. Que todos cumpram o seu dever no interesse da pátria. Por minha parte saberei cumprir o meu até ao fim».

A cinco anos de distância estas palavras assumem para todos os holandeses, onde quer que eles se encontrem, a plenitude da sua significação histórica. A rainha era bem a intérprete do interesse nacional da Holanda nessa hora conturbada em que tudo parecia perdido e em que os pequenos países do continente pareciam irremediavelmente condenados a perder a sua independência ou, pelo menos, a alienar uma parte dos seus tradicionais direitos de soberania.



Nos serviços de aviação militar e civil, a Holanda, como tantos outros países em guerra, teve de chamar a mulher às fileiras. Aqui vemos uma bonita holandesa conferindo o seu relatório de bordo.



Uma rua típica de Amsterdão; com as suas casas tão curiosas e os balcões ligeiramente parecidos com os nossos alpendres da província.



Eis uma das melhores casas do espectáculo de Amsterdão, quando a guerra não tinha abrido diques nem comportas e os teatros chamavam ao seu convívio um povo culto e entendido.



Também nas artes plásticas o povo holandês deu ao mundo alguns dos seus maiores cultores. A paisagem maravilhosa, os seus costumes e lendas puderam fomentar o génio criador dos seus artistas. Este «Homem de Volendam» é de Berg.

(Cont. nua)



Alvaro de Andrade

pensa que pouco de útil "ficou" da rádio portuguesa...

A caricatura de Alvaro de Andrade que Francisco Valença desenhou primorosamente e que reproduzimos nesta página, exprime admiravelmente nos seus traços movimentados a personalidade que representa. Duma actividade prodigiosa, que parece reger-se por ignorados índices de multiplicação no trabalho; duma brio vontade que nada parece perturbar e nada perde do seu poder de direcção na variedade dos pormenores; enérgico como um verdadeiro homem de acção, e aplicado como um paulatino investigador de gabinete, sempre rejuvenescido no entusiasmo na perseverança—Alvaro de Andrade tem construído desprezivelmente uma obra que é das mais vivas na Rádio e no jornalismo português.

Único jornalista português que há oito anos dirige um jornal de Rádio; realizador, durante dois anos, do «Município Radiofónico Português», adjunto da Repartição dos Serviços de Produção da E. N. durante seis anos; actual delegado em Lisboa de Rádio Clube de Moçambique; e antigo chefe de redacção de «Rádio Semanais», Alvaro de Andrade tem construído como jornalista e profissional da Rádio—repetitivamente mais uma vez—uma obra que há-de ficar.

Tal é o homem que a Página de Rádio de «Vida Mundial Ilustrada» hoje traz às suas colunas, no apontamento leve duma conversa descuidada...

Falávamos de teatro, recordando as traduções e adaptações que Alvaro de Andrade tem feito e que o teatro português de há anos tantas vezes apresentou... Recordamos «O homem e os seus fantasmas», única peça de Lenormand representada em Portugal numa tradução de Alvaro de Andrade...

—Representou-a a Companhia de Alves da Cunha, no Nacional... —diz-nos Alvaro de Andrade.—Estive, nessa altura, como secretário da Empresa Alves da Cunha, durante uns tempos... Depois deixei o teatro. —E a conversa foi seguindo até cair no nosso previsto assunto: Rádio. Para o nosso interlocutor não são precisas preparações e rodeios... Começamos logo:

—O que pensa da actual orgânica da Rádio portuguesa? —Não há orgânica... E não há porque ninguém até hoje apenas se dedicou às coisas da Rádio como ela tinha direito... O que se tem feito de há 4 anos para cá, não tem sido

mais do que procurar aperfeiçoar o que já se estava a fazer desde que a Rádio nasceu entre nós, e que era logicamente pouco... É que a Rádio vive dum jogo de palavras e músicas, assim como toda a música vive dum jogo de sete notas. Tudo val da maneira como se jogam esses elementos. No entanto, o «jogo» da Rádio parou... A orgânica da Rádio em Portugal anda, pois, errada desde o seu início: trata-se duma nova modalidade no campo da arte, no campo literário e no campo político. E a orgânica a empregar nesses campos e perante a nossa Rádio, apenas foi esboçada e continuada, mas nunca foi estudada e remodelada.

—O que supõe de maior importância para uma elevação no nível radiofónico do nosso país?

—Procurar entre os poucos elementos de que dispomos os que têm maior vocação para transmitir aos ouvintes a verdadeira finalidade a atingir pela Rádio: distrair e educar.

—Que fazer, então? —Seleccioná-los, tirando deles o melhor partido—a fim de os valorizar—para que o rádio-ouvinte se sinta constantemente perante um mundo novo com idéias novas...

—Como se faria essa valorização? —Não sei bem... Nada, em Rádio, está entre nós estudado. Assim, como não se sabe qual a boa maneira de apresentar uma palestra—o que obriga a mudar-se de estação mal o palestrante começa a falar, seja ele quem for, o assunto, o que for... tudo o mais, à semelhança disto, necessita estudo tendente à valorização em que lhe falei...

—Você, Alvaro de Andrade, que acompanha a Rádio desde o seu início, entre nós, que supõe ter ficado de útil no campo artístico e literário?

—Creio que pouca coisa... Muito pouca mesmo. Notável a obra de Pedro de Freitas Branco à frente da Orquestra Sinfónica Nacional. Notável também—principalmente pelo que tem de esforço incompreendido—a acção de Belo Marques, desde o antigo quarteto vocal da E. N. até ao seu recente concerto de música negra... É também justo não esquecer dois ou três artistas ligeiros que têm colaborado nas emissões de «Variedades» e «Serões», e que hoje, por falta de estímulo, estagnaram, ainda que em Rádio se gastem e se queimem rapidamente—mais do que em

(Continua na pág. 16)



OS PRIMEIROS PASSOS DE JORGE ALVES NA AMERICA DO NORTE

Começam a chegar as primeiras fotos de Jorge Alves na América. Na que aqui vêem, Jorge Alves e o Dr. Augusto d'Esaguy, acompanhados por uma guia, visitam o «Rockefeller-Centers»... Os três, parecem muito interessados nos quadros que cobrem todo o teto e as paredes do 69.º piso do edifício da «R. C. A.»...

«GONGS»

* «Portuense Rádio Clube» apresenta o seu programa oficial de variedades. Boa iniciativa mal posta em prática. Péssimo locutor e dum modo geral, mais elementos. Quando se convencerão todos de que a Rádio já não pode servir de trampolim para vãos de meninas e meninos prodígio? E para que será a quantidade excessiva de colaboradores se, dos vinte e cinco que contamos, apenas uns poucos se aproveitam? Não seria melhor pôr de parte os que não prestam?

* No Emissor Regional do Norte, enquanto um locutor decal, outro se impõe com boa voz, correcção e conhecimento das coisas de Rádio: Alfredo Pimentel correira.

* Temos ouvido em Rádio Graça um mau locutor, que supomos ser um antigo cançonetista dessa estação. A sua pronúncia é má. O seu inglês é péssimo. O antigo locutor Alberto Santos é muito melhor.

As «irmãs Melreles» partiram recentemente para Espanha onde foram cumprir um vantajoso contrato no «Rygal». Do seu repertório fazem parte alguns novos trabalhos do ensalador do trio, Tavares Belo.

* Existe no nosso país, com séde no Porto, uma instituição denominada «Academia Nacional de Rádio», organização portuguesa para o ensino da T. S. F. por correspondência. A fundação da «Academia Nacional de Rádio» é, na nossa terra, uma obra que merece encontrar um acolhimento compensador.

* No princípio deste ano dois jornais—um semanário e um diário—começaram a publicar secções de Rádio: um jornal da tarde, quinzenalmente, publicará a sua página; «Filiagem» terá a sua secção semanal. Isto vem provar que a imprensa e o público cada vez mais se interessam pela Rádio.

* Não temos ouvido as emissões de «Variedades» da Emissora Nacional... Pela reacção que temos sentido, dos ouvintes e de todo o público, avaliamos da força de certos programas. A propósito: constata-se que serão dados em programas especiais certos períodos, a artistas que

CARTAS DOS OUVINTES

UMA QUE ADMIRA M. E.—Não sabemos.—Escreva para a E. N. É sempre conveniente mandar 2\$50 em selos.

HELENA ARAGAO—Não sabemos.—Tem 22 anos—Um «filme» produzido por Artur Duarte, ainda sem nome definitivo.

GALANDINA (Barreiro)—Adivinhou. São de facto esses os locutores em questão—Alberto Afonso é o antigo componente do quarteto da E. N., e também o locutor a que se referiu.—O nome verdadeiro do Igrejas Cairol?... É Igrejas Cairol!...

AUGUSTO FRAGA



AUGUSTO Fraga, nosso colaborador e um dos jornalistas da actual geração que tão boa conta tem dado do seu valor, collocando-se na primeira fila dos novos, foi convidado a dirigir a coordenação dos programas radiofónicos da manhã, na Emissora Nacional, o que constitui uma distinção que não queremos deixar passar despercebida.

mais assiduamente trabalhavam nas «Variedades», tal como se faz em emissoras estrangeiras. Assim, é possível que, dentro em pouco, se oijam normalmente programas do género «Dez minutos com Fulano», «Três canções por Cícrono», etc.



NOTAS DE GRAÇA

PRIORIDADES

Certo senhor de Washington foi convidado para ir a Louisville fazer uma conferência. Mas, ao chegar ao aeroporto, informaram-no de que havia um coronel, com prioridade de lugar. O senhor de Washington, embora muito contrariado, teve de voltar para casa. Mas, alguns dias depois, o sr. de Washington veio a saber que o sr. coronel tinha ido a Louisville para ouvir a sua conferência...

RACIONAMENTO

Aqui há tempos, um cidadão de país neutro visitou um país em guerra. E, uma das coisas que mais o interessava era a questão do racionamento. Então, o cidadão neutro voltou-se para o senhor que lhe servia de guia e perguntou:

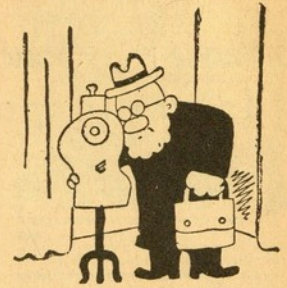
— É verdade que só comem carne de cavalo?

O outro coçou a cabeça e suspirou:

— Sim, cavalo... de madeira, como o de Tróia!



O ALTROISTA...



EM CASA DA MODISTA

O MÉDICO MIOPE — Coitadinha! Aqui já não há nada a fazer!...



O EXTINTOR DE INCENDIO

— Senhor bombeira, como é possível que num recipiente tão pequeno caiba tanta água?

A PIADA INFANTIL



S.L.O.

CAPRICHIO

— Oh! mas para que hei-de eu querer ir ao circo, mamã, se tenho aqui a tia Tóá?



SINCERIDADE

— Menina, andaste a pintar?!

— Juro que não!



S.L.O.

IMPOSSIBILIDADE

— Pobrezinho... e tem muitos filhos?

— Não sei, minha senhora... como sou cego...



S.L.O.

UM ENTENDIDO

— É uma música nova, essa que está a tocar?

— É de Mozart que, como sabe, morreu...

— Não, não sabia... Nem mesmo soube que estava doente...



S.L.O.

O FILHO DO AGIOTA

— Então, não fazes a conta, Zêzinho?

— Não pode dar certa. Só se puser o juro a vinte por cento!



TEMPOS MODERNOS

— Papá, se me ajudares a resolver os problemas, prometo dar-te um cigarro!



S.L.O.

MODESTIA... LITERÁRIA

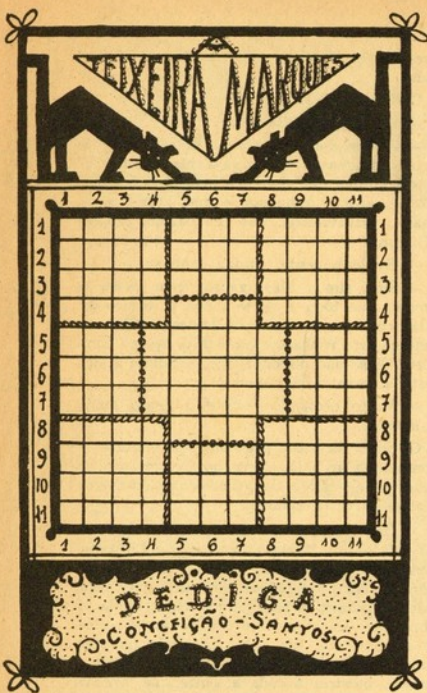
— Aqui está a sua ficha: nada menos do que 45 furtos, cometidos com nomes diferentes!

— Ah! sim, quando se trata de pequenos casos, prefiro usar pseudónimo!



SEM CERIMÓNIA

— Mas não, querido, podes telefonar quando quiseres e pelo que te agrada, aqui ninguém repara...



PALAVRAS CRUZADAS

1.º CONCURSO
DE
PALAVRAS
CRUZADAS

Problema n.º 4

Por Francisco da
Conceição Santos
(Nazaré)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS:

1 — Deus do vinho; humor contido numa vesícula aderente ao glóbulo do fígado; quadro. 2 — Lavar; interjeição; íntimos. 3 — Juntou; zoólogo; nome de mulher. 4 — Poetas laudatórias; evidência (fig.); rezas. 5 — Borda; simples; planeta. 6 — Autoridade superior entre os turcos; nardo silvestre; peixe congênera da enguia. 7 — Única; sagrada; isolados. 8 — Fogueira onde se queimavam os cadáveres (ant.); saudável; barco pequeno. 9 — Deus do amor; casa de bebidas; magistrado romano. 10 — Compreendias ou pronunciavas o que estava escrito; nome de mulher; origem (fig.). 11 — Torra; contração de pronomes e artigos; eios.

VERTICAIS: 1 — Ídolo dos assírios; espécie de palmeira; cada uma das camadas de cortiça dos sobrelhos. 2 — Desejo com veemência; virtude; membrana colorida que circula a pupila do olho. 3 — Desabava; criada grave; trituros. 4 — Deus egípcio; conjunção; queima. 5 — Embocadura de rio; prejudiciais; contração do belo. 6 — Aro; vinho da palmeira; fração de uma unidade. 7 — Constelação zodiacal; reboque; batráquios. 8 — Corda ou correia com que se prende a besta ao veículo; faz som; matiza bem. 9 — Título dos descendentes de Maomet; lírios; rio da Europa. 10 — Lugar onde se junta o pescado; bol bravo da Lituânia; imperador romano. 11 — Guarnezes de assas; contração de preposição e artigo; pronomes pessoais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3

(Concurso)

HORIZONTAIS: I — Aru; mas. II — Catar; oração. III — Famoso; canoas. IV — Amolas; amasso. V — Ural; tiro. VI — Mosa; assas. VII — Opas; mata. VIII — Latex oral. IX — Aram; rala. X — Arados; lavava. XI — Sarara; amavas. XII — Matai; tosam. XIII — Ama; aro.

VERTICAIS: 1 — Um; ola. 2 — Faro; paras. 3 — Camas; ataram. 4 — Amola; somara. 5 — Ato; data. 6 — Rasa; oram. 7 — Uros; sala. 8 — Moca; lata. 9 — Aram; amor. 10 — Sana; vaso. 11 — Gosta; morava. 12 — Oásis; aravam. 13 — Sora; talas. 14 — Os; ala.

ATENÇÃO

O júri para o 1.º Concurso de Palavras Cruzadas ficou constituído por Jorge Pessoa Pereira, de Lisboa, e pelo dirigente desta secção.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora
(Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL
DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

MEDICINAL
PASTA **COITO**
TRATA
gingivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou bismuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

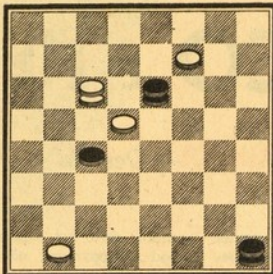
AGUARDENTE VELHA
Niepoort

COMPOSIÇÃO N.º 37 (Problema)

«La Provincia», 1/2/1945
Las Palmas — Espanha

Lema: «Lustada XI»

Pretas: 2 «damas» e 1 «pedra».



Branças: 1 «dama» e 3 «pedras».

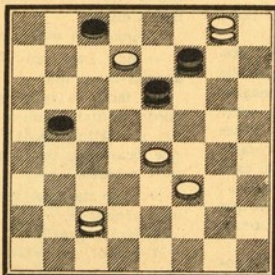
Mate em 5 jogadas.

COMPOSIÇÃO N.º 38 (Problema)

Lema: «Fixe I»

«La Provincia», 1/2/1945
Las Palmas — Espanha

Pretas: 2 «damas» e 2 «pedras».



Branças: 2 «damas» e 3 «pedras».

Mate em 4 jogadas.

ERRATA

A composição n.º 31, do 1.º Concurso de Problemas de «Damas» apresentava uma «pedra» branca na casa n.º 17, quando essa «pedra» tem que ser preta. Feita esta rectificação fica a composição certa. No entanto repetiremos o diagrama no próximo número, já devidamente rectificado.

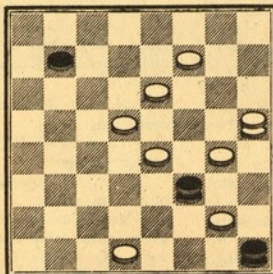
(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 9 (Inédito)

(Hecho sobre la idea temática de una composición de Luiz A. David, de Lisboa)

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora
(Las Palmas — Espanha)

Pretas: 2 «damas» e 1 «pedra».



Branças: 1 «dama» e 7 «pedras».

Mate em 7 jogadas.

PROBLEMA N.º 10

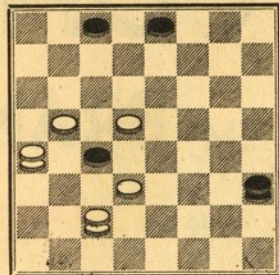
(Estilo espanhol)

Por «Lustada»

(Ao Dr. Carlos Rodrigues Lafora,

grande inovador e mestre, orata retribuição de «Lustada».

Pretas: 1 «dama» e 3 «pedras».



Branças: 2 «damas» e 3 «pedras».

Mate em 14 jogadas.

CAMPEONATO NACIONAL
DE «DAMAS»
POR CORRESPONDÊNCIA,
DE 1945

Dada a grande afluência de «damistas» e, portanto, o muito trabalho que origina a quem tem de dirigir esta grandiosa obra, fica o início desta marcado definitivamente para 8 de Março p. f. A inscrição encerrar-se-á em 5 de Fevereiro, a fim de haver tempo suficiente para a boa organização do referido Campeonato.

Damos a seguir a lista dos inscritos:

- 1, Delfim Faria Diniz (Famalicão).
- 2, Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera).
- 3, Manuel Pinto da Silva (Pórtor).
- 4, Manuel Félix Igrejas (Melgaço).
- 5, António Eduardo Igrejas (Melgaço).
- 6, Luis de Oliveira (Lisboa).
- 7, Manuel Lopes dos Santos (Tórres Novas).
- 8, António da Costa Santos (Santarém).
- 9, Carlos Pereira (Lisboa).
- 10, José Dias Cerejeira (Lisboa).
- 11, Manuel dos Santos Nobre (Pernes).
- 12, Ernesto Lopes Frazão (Pernes).
- 13, Francisco Nunes de Sousa (Pernes).
- 14, Joaquim Rosa Nobre (Pernes).
- 15, Rogério J. Nobre Girão (Pernes).
- 17, Manuel Arrenga Padeiro (Chamusca).
- 18, Francisco A. Henriques (Almeirim).
- 19, José Rodrigues Irra (Chamusca).
- 20, Alfredo José Gonçalves Pereira (Melgaço).
- 21, Rogério Fernandes (Melgaço).
- 22, Jorge Granés (Lisboa).
- 23, José Maria Amaro (Vila do Conde).
- 24, Hilário Francisco Lança Elias (Beja).
- 25, Arnaldo Flores Raposo (Beja).
- 26, Henrique Abolm Frazão (Beja).
- 27, Jacinto Castelo Branco Parreira Lança (Beja).
- 28, José Correia (Beja).
- 29, Domingos Carvalho Calxeiro (Lisboa).
- 30, Manuel Luis Pires Júnior (Melgaço).
- 31, Bonfílio Augusto Gomes (Vila Viçosa).
- 32, Marcelino Pécurto (Vila Viçosa).
- 33, José Trindade Martins (Vila Viçosa).
- 34, Albino Pais (Nelas).
- 36, José Baptista Afonso (Caminha).
- 37, Humberto Duarte Silva (Algarve).
- 38, Joaquim José de Sousa (Santo Tirso).
- 39, António José Loureiro (Póvoa do Varzim).
- 40, António dos Santos Piedade (Abrantes).
- 41, Augusto Machado dos Reis (Odemira).
- 42, Joaquim Alberto Coelho (Odemira).
- 43, José David Figueredo (Ovar).
- 44, David Godinho (Ovar).
- 45, Dr. João Pais (Ovar).
- 46, Mário Matos (Ovar).
- 47, António Lopes (Ovar).
- 48, José Pereira Baptista (Lisboa).
- 49, Rufino Strecht de Miranda (Riba d'Ave).
- 50, Luis Gaspar (Chamusca).
- 51, João Manuel Marques Carolino (Pórtor).
- 52, Bento Neves Carlos Pizarra (Setúbal).

GRUPO DAMISTICO
DE REBORDOES
(Santo Tirso)

Este grupo, que foi fundado em 1 de Janeiro de 1945, ficou assim constituído: Joaquim José de Sousa, José Ribeiro da Silva, José Pinheiro Sampaio, Américo R. da Silva, Artur F. da Silva, José F. Almeida, Manuel P. Carvalho, Augusto Lima, Manuel F. Viegas, Alberto F. Almeida, Albino G. Moura, Raúl M. Almeida, Narciso Neto e António Correia de Araújo.

Os três primeiros foram os fundadores e, portanto, a quem se ficou devendo esta feliz iniciativa. Daqui endereçamos felicitações a todos os componentes do grupo, pondo desde já as colunas de «Passatempo» ao seu dispor.

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 84 da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

COMPOSIÇÃO EM BRANCO E NEGRO

Conto de DOROTHY PARKER — Des. de AGUILAR ORTIZ

A mulher de vestido de papoilas vermelhas agitou o oiro falso dos seus cabelos, atravessou o aposento cheio de gente, com um passo ao mesmo tempo saltitante e lânguido, e foi agarrar-se ao braço fôfo do dono da casa.

— Agora apanhei-o! — disse ela. — E já não escapá!

— Olá! — disse o velho. — Como está?

— Bem! — respondeu a mulher. — Ou antes: estupenda... Oiça. Tem que me fazer um favor... É capaz?

— De que se trata? — perguntou o dono da casa.

— Queria conhecer Walter Williams. Estou doida por ele. Meu Deus, quando ele canta aquelas canções de negros!... Imagine que já pensei dizer a Buston: «A tua sorte é Walter Williams ser negro. Senão, tinhas tóda a razão para sentir ciúmes». Gostaria de conhecê-lo e de lhe dizer que o ouvi cantar. Gostava tanto que mo apresentasse...

— Pois claro que apresento... Julgava que já o conhecia... A recepção é em sua honra. Mas onde iremos encontrá-lo agora?

— Está ali ao pé da biblioteca. Vamos esperar que aquela gente o deixe. Da sua parte, meu amigo, foi magnífico recebê-lo deste modo e apresentá-lo a todos estes brancos... Williams deve estar agradecido...

— Espero que não — disse o dono da casa.

— Mas sim. Tudo isto é maravilhoso, e só não compreendo porque motivo o mundo faz distinção entre brancos e pretos. Por mim, não me sinto nada superior aos homens de côr. Mas Burton não pensa como eu. É de Virginia, e já se sabe como é aquela gente...

— E Burton veio? — perguntou o dono da casa.

— Não, não pôde vir. E, quando saí, até lhe disse: «Pois olha, esta noite não tenho programa nem sei o que vou fazer!». Ficou muito contrariado... Que pena, não é verdade?

— Com certeza...

— Ah! mas quando souber que conheci Walter Williams! Vai morrer de raiva! Falámos muito dos negros. «Não seas louco!», é o que eu estou sempre a dizer-lhe. Mas é preciso reconhecer que Burton tem idéias mais amplas que outros seus conterrâneos. No fundo, é louco contra os homens de côr, não é capaz de querer criados brancos. Arranjou uma velha criada negra, sabe? E juro-lhe: a primeira coisa que faz, assim que chega a casa, é ir à cozinha ver a cozinheira. Porque, o que ele quer é dizer isto: «Não tenho nada contra a gente de côr. O que é preciso é que não saia do seu lugar!». E, por isso, diz que não sentaria um negro na sua mesa, nem que lhe dessem um milhão de dólares.

A rapariga agarrou-se com mais força ao braço do dono da casa:

— Faz-me mal ouvi-lo falar assim. E,

então, sinto um desejo louco de o maltratar. Sou insuportável, não acha?

— Oh! por favor! — disse o senhor gordo...

— Sou, sim, pobre Burton! Mas eu não tenho culpa de não pensar como éle. Não tenho razões para não gostar dos pretos. São sensíveis como uma criança, cantam, riem por qualquer coisa... Imagine, tenho uma lavadeira negra há uma porção de anos e nem calcula como gosto dela... Eu estou sempre a dizer a Burton: «Então não somos todos criaturas humanas?». Que lhe parece, meu amigo?

— Que tem muita razão...

— Mas... ali está Williams. Vamos, quero apertar-lhe a mão...

De facto, a rapariga e o senhor velho e gordo aproximaram-se de Walter Williams, um jôvem negro, alto, de aspecto magnífico, que ficara só, por um momento, apoiado a uma estante.

O dono da casa fez as apresentações e o negro inclinou-se num cumprimento:

— Muito prazer...

A senhora de vestido côr-de-rosa abriu a mão e ergueu o braço, mantendo-se um segundo nesta atitude, para que tóda a gente a pudesse ver. Ele correspondeu à gentileza, e a senhora perguntou:

— Como está, sr. Williams? Dizia agora mesmo ao nosso amigo que me sinto apaixonada pela sua voz. Tenho assistido aos seus concertos e até tenho todos os seus discos. É um prazer para mim ouvi-lo...

Falava cuidadosamente, silabando muito devagar, como se estivesse diante de um surdo...

O negro agradeceu o cumprimento:

— Muito obrigado...

— Sim, sim, aquela canção «Water boy»! Deixa-me sempre impressionada... Nem que me matassem, poderiam tirar-me da cabeça... Meu marido encoloriza-se... Mas, diga-me, onde foi buscar tódas estas canções?...

— Não são tantas que...

— Ah! mas eu acho que deve gostar muito de cantar! Que bonitas são aquelas canções, cheias de espiritualidade... E, agora, que faz? Continua na intenção de cantar? Por que não dá mais concertos?...

— No dia dezasseis deste mês...

— Lá estarei! Pode contar comigo!

Depois, a rapariga olhou em volta:

— Meu Deus, quanta gente para falar consigo... O senhor é o hóspede de honra... É natural... Mas quem é aquela rapariga de branco? Tenho a im-

pressão de já a ter encontrado em algum lado...

O dono da casa esclarece:

— E Katherine Burke...

— Ah! mas com certeza... Fora de cena é muito diferente... Julgava-a mais bonita... Não suponha que tivesse a pele tão escura... Oh! é quasi... Acho que é uma actriz estúpida, maravilhosa, não lhe parece, senhor Williams?

— Evidentemente, minha senhora...

— Sim, sim... Mas, agora, meu Deus, é preciso que tóda a gente tenha o direito de falar com o convidado de honra... Não me esqueça, sr. Williams. Lá estarei no seu concerto. E se não puder ir, recomendaré a sua festa a quantos lá puderem ir...

— Muito obrigado — disse o negro inclinándose.

O dono da casa pegou-lhe pelo braço e conduziu-a ao salão contíguo. Entretanto, a mulher de vestido de grandes papoilas vermelhas ia confessando:

— Que grande atrapalhação! Ia dizendo que Katherine Burke parece negra. Ele teria percebido que o não quis rebaixar? Sim, porque com estes pobres seres inferiores com talento para nos servir, nós temos tóda a obrigação de estar sempre a evitar que eles se lembrem da sua triste condição de pretos... Devemos mostrar-nos atenciosos, afectuosos, mostrar a tóda a gente que, apesar da sua côr, eles nos podem ser prestáveis e que esqueçamos por isso a sua triste condição...

E, já largando o braço do senhor dono da casa:

— Por mim, não me sinto nada prejudicada, embora éle seja um negro. Falei com naturalidade e de tudo. Mas, que quere, fiz um esforço enorme para me mostrar séria. Estava sempre a pensar no Burton... Oh! espero que meu marido saiba que até o trai-tei por «senhor»!



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844
Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Trav. Condessa do Rio, 27